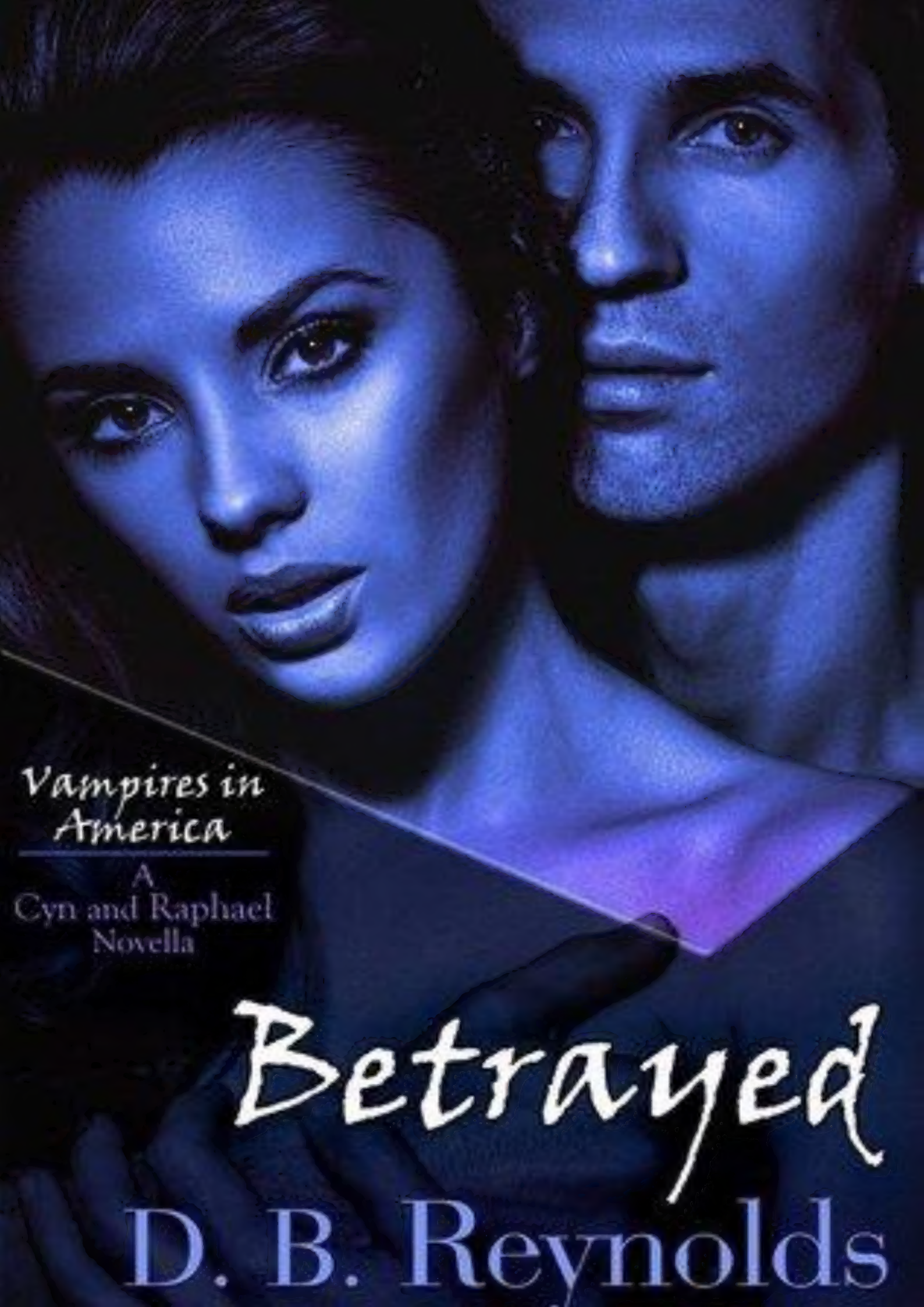
Vampires in America
A Cyn and Raphael Novella
Betrayed
D. B. Reynolds

Amor, a dor em seu coração quando você conhece o escolhido. Pode te levar ao céu; e pode deixá-lo sangrando em meio aos destroços. Lealdade, a coisa que liga um Lorde Vampiro a seus filhos por toda a eternidade... a menos que apodreça de dentro, criando o ódio. Traição, ela vem de muitas formas e de muitas fontes... amor ... lealdade ... traição. Guerra chegou aos vampiros norte-americanos, e os Lordes Vampiros estão chegando através das linhas territoriais para fortalecer aliados e enfraquecer inimigos. O mais poderoso de todos, Raphael, poderia mudar o curso da guerra e determinar quem levantará a bandeira final da vitória. Mas a que preço? E sua companheira, Cyn, será aquela a pagar?

CAPÍTULO 1

Grand Junction, Colorado

Cynthia Leighton saiu para a varanda privada, sentindo o roçar de veludo do ar fresco e seco sobre sua pele. Esse primeiro toque do deserto sempre a fazia sentir-se bem, quase sensual. Mas depois de algumas horas, ela sabia que estaria desejando a úmida costa da Califórnia. Cada polegada do seu corpo estava se sentindo seco e enrugado. Ela sorriu para o pensamento e deslizou pela pesada porta de vidro fechando-a atrás de si.

A casa onde eles estavam hospedados era uma das muitas propriedades de Raphael, uma maravilha da arquitetura moderna no alto de um planalto rochoso. Da frente da propriedade, conseguia-se apreciar uma vista inigualável de um campo de golfe ostentoso. Uma exuberante faixa verde, que era perto o suficiente para os vampiros beneficiarem-se da vista, mas longe o suficiente para que eles não estivessem em perigo de qualquer olhar curioso ou de alguma bola perdida colidir com as janelas. Porém isso era do outro lado da casa. O ponto de vista de onde ela estava era muito diferente.

Ela deixou cair a toalha e o robe em uma espreguiçadeira e foi até a beira de uma piscina que enchia a maior parte do espaço da plataforma. Vapor subia da água que brilhava azul turquesa diferente da noite escura. Além da borda infinita da piscina, estava a expansão estéril do Grand Valley, nada além do deserto e colinas rochosas secas até onde ela conseguia ver, interrompido apenas pelo brilho ocasional de luzes de alguma outra pessoa nas casas ao longe.

Cyn olhou para baixo, para a água azul que parecia se estender por todo o caminho até ao horizonte. Havia uma segunda piscina na outra

extremidade da casa, mas esta estava ligada a suíte master e reservada para uso privado de Raphael e Cyn. Ela mergulhou, a água quente cobrindo sua cabeça, molhando completamente todos os seus poros e deixando-a esquecer por um momento que eles estavam longe do úmido ar do oceano de casa.

Ela veio à tona e começou a deslocar-se através da água, rapidamente se estabelecendo em um ritmo.

A maioria das pessoas pensava em montanhas e neve quando pensavam no Colorado. Assim como Cyn. Raphael tinha uma casa em Boulder e uma menor em Vail também. Ambos os lugares tinham tipicamente alguma neve no inverno, mas não tanto em pleno deserto do Grand Junction. Havia muitas montanhas e ficava frio, mas a neve não era muito comum, apenas alguns centímetros por ano. Ela moveu-se suavemente através da água, nadando paralela à borda infinita, vai e volta, até que seus músculos foram de quentes para além de queimando.

Sobre o som da própria piscina, ela ouviu o suave deslizar da porta de vidro. Lançou um rápido olhar naquela direção, quando se voltou, viu Raphael de pé na porta. Ele sorriu, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, o telefone tocou, e no momento seguinte em que ela olhou para cima, ele tinha voltado para dentro para atender.

Cyn imaginou que deviam ser coisas de vampiros super secretas, pois ele não quis ter a conversa do lado de fora, mesmo nesta plataforma privada e razoavelmente isolada. Claro, o som era transportado pelo ar do deserto.

Cyn terminou sua última volta e impulsionou-se para cima e para fora da piscina. O ar estava mais frio agora que estava toda molhada, apesar da temperatura quente da piscina, ou talvez por causa disso. Ela correu até a cadeira perto da porta onde tinha deixado suas coisas, olhando para dentro enquanto pegava o robe.

Raphael ainda estava ao telefone, mas ele olhou para cima e encontrou o olhar dela, levantando um dedo para indicar que estaria desligando em breve.

Cyn deu de ombros e pegou uma toalha para o cabelo molhado. Um tremor violento ondulou pelo seu corpo, e ela simplesmente decidiu que era hora de um banho quente e algumas roupas mais quentes, quando a porta se abriu e Raphael saiu.

— Como foi o seu mergulho, lubimaya? — Ele pegou a tolha dela e começou gentilmente a secar seu cabelo.

— Bom — disse ela, recostando-se contra seu peito. — Eu estava prestes a tomar um...

Ela ouviu um barulho de um tiro e se virou para empurrar Raphael para o chão, mas ele já estava arrastando-a para baixo com ele, seus braços em volta dela enquanto eles bateram no chão de madeira. Dois segundos depois, Juro estava lá, atirando-se na frente de Raphael e Cyn quando um segundo tiro estilhaçou a paz do deserto.

O tiro ainda ecoava quando Cyn puxou Raphael, envolvendo-o em seus braços. — Dentro — ela sussurrou. — Você tem que ir para dentro.

— Lá para dentro — Juro resmungou quase ao mesmo tempo. — Antes que ele consiga um terceiro tiro.

Raphael apertou seu abraço em Cyn. — Ao meu comando, Juro, nos moveremos juntos.

Juro concordou em silêncio, com os olhos amarelo escuros brilhando enquanto ele procurava na escuridão para além da borda da piscina, tentando fazer o impossível e localizar o atirador.

— Pronto — disse Raphael. — Agora. Ele se levantou e moveu-se quando os músculos de Cyn ainda estavam se desenrolando em resposta ao comando. A segurando, usando a dotada velocidade de vampiro, ele correu

para a casa, com Juro que era uma pequena montanha atrás deles, guardando as costas do seu mestre com o seu corpo e vida.

Uma vez dentro, eles afastaram-se imediatamente das janelas. O vidro era a prova de balas, mas nem mesmo vidro à prova de balas poderia repelir todos os tipos de balas nos dias de hoje, e nenhum deles queria ir fechar a porta. Em vez disso, eles correram em linha reta através do quarto escuro para sair da suíte e se esconderem na sala de reuniões, que não tinham janelas, mas um completo console de comunicações.

Juro já estava em seu telefone celular quando eles entraram na sala de reuniões, dando ordens. Cyn podia ouvir vampiros correndo pelos corredores, e o rugido dos motores SUV com equipes de pessoal de segurança se espalhando para procurar o atirador, embora ela soubesse que ele já estaria muito longe quando eles chegassem. E isso supondo que eles encontrassem seu esconderijo. Esses tiros podiam ter vindo de qualquer parte do vale, pelo menos duas milhas se o atirador fosse hábil o suficiente. Hábil o suficiente para localizar à luz do dia, quase impossível à noite, e sem nada o impedindo.

Raphael empurrou Cyn para um banco contra a parede e, em seguida, virou-se para Juro. — Você está muito ferido? — Ele perguntou a seu chefe de segurança.

— Só o braço, meu senhor. Ele vai estar curado até amanhã à noite.

— Você levou um tiro? — Cyn se levantou e correu para onde Juro estava, perto da porta da sala de reuniões. Ela pegou em seu braço machucado, mas ele pegou na mão dela.

— Não é nada, Cynthia, — ele disse, sua voz grave excecionalmente suave. — Ele vai curar, você precisa ficar dentro de casa.

Cyn franziu os lábios em desgosto. Combine estúpido orgulho masculino com arrogância de vampiro, e ele poderia sangrar até a morte e nunca iria admitir isso. Ele nem mesmo estava usando o braço esquerdo,

muito provavelmente não podia. Estava pendurado frouxamente ao seu lado, a manga da camisa branca rasgada em pedaços e encharcada de vermelho do sangue. O pedaço que faltava de carne em seus bíceps devia ser alguma indicação, a bala provavelmente tinha quebrado o osso na sua trajetória através do braço. Um ser humano normal estaria em choque com a perda de sangue, senão com a dor.

Cyn franziu a testa, perguntando-se se Raphael estava indo oferecer o seu sangue para ajudar a curar a ferida. Era curioso que ele não tinha feito já isso, a menos... ela virou-se e encontrou Raphael no extremo da sala, falando com alguém no telefone celular. Ela interrompeu e começou a examinar cada polegada dele, ignorando sua carranca com a interrupção. Foda-se a sua maldita conversa telefônica. Ela precisava saber se ele estava dando uma de John Wayne nela, se estava ferido e ia não dizer nada para ela, assim como Juro.

Raphael jogou o telefone de lado de repente e agarrou seus braços enquanto ela estendia a mão para ele. Ele a puxou para perto. — Eu não fui atingido, minha Cyn, — murmurou contra seu ouvido. — Eu diria a você.

— Não, você não iria, — ela protestou imediatamente, lutando para quebrar seu poder sobre ela, empurrando inutilmente seu peito. Ela sentiu as lágrimas sufocando em sua garganta e deixou cair a cabeça para frente. A mão de Raphael acariciou para baixo sobre o seu cabelo molhado.

— Você está com frio. — Ele puxou o robe mais perto em torno dela e amarrou o cinto, antes de puxá-la para seus braços novamente. — Eu diria a você, minha Cyn — ele repetiu. — Eu prometo.

Ela olhou para cima, encontrando o seu olhar, Raphael era um mentiroso perfeito quando ele queria ser. Mas quando ele fazia uma promessa, ele mantinha-a. Ela engoliu as lágrimas e colocou a mão contra a bochecha dele. Ela não disse nada, apenas deteve seus dedos ali por um momento, depois assentiu.

— Você tem que me deixar ajudar a descobrir quem fez isso, — disse.

A expressão de Raphael ficou imóvel, sua mandibula flexionando sob os seus dedos. — Cyn — disse ele em advertência.

— Não — ela disse, no mesmo tom implacável. — Essa é quem eu sou, isto é no que sou boa. Não vou ser estúpida, e não vou ficar sentada quieta quando alguém esta tentando matá-lo.

— Como você sabe que ele não estava atrás de você? — Raphael exigiu com firmeza.

— Porque eu estava lá fora em plena vista por uns bons trinta minutos antes de você aparecer. Você era o alvo, Raphael, e sabe disso tão bem quanto eu.

Raphael olhou por cima da sua cabeça. Ela se voltou para ver o que ele estava olhando e virou-se, apoiando-se contra ele de forma protetora, desejando que tivesse uma arma com ela. Qualquer arma, embora a sua arma para vampiros fosse bem-vinda, pois havia um estranho vampiro enchendo a porta da entrada.

Onde diabos estava Juro? E como é que este estranho tinha entrado em casa?

O braço de Raphael deu a volta por trás dela, circulando seus ombros e puxando-a contra o seu peito largo. — Está tudo bem, lubimaya. — Ele levantou a cabeça para enfrentar o desconhecido. — Meu escritório, dez minutos.

O vampiro se inclinou um pouco até a cintura e despareceu no corredor.

— Quem era? — Cyn exigiu.

Raphael não respondeu, em vez disso chamou o nome de Juro. Quando o chefe da segurança apareceu, Raphael disse, — Feche a porta.

Juro fez isso, recuando para o corredor e fechou a porta atrás de si, para que Cyn e Raphael estivessem sozinhos no quarto.

— Sente-se comigo — murmurou Raphael. Ele não lhe deu escolha, puxou-a para baixo ao seu lado, em um sofá de couro que fazia parte do canto de conversação compacto da grande sala de conferência.

Cyn deixou-se ser puxada para baixo, mas logo se virou para olhar para Raphael. — O que você não está me dizendo?

— Eu estou dizendo a você agora — disse Raphael, levantando a boca perfeita em um sorriso. — Pretendia dizer-lhe antes, mas as coisas ficaram um pouco fora do controle.

Cyn franziu a testa. — É sobre aquele cara, não é? O que ele é... um novo guarda-costas ou algo assim? Você sabia que alguém andava atrás de você? É por isso que o trouxe?

O sorriso de Raphael cresceu. — Alguém está sempre atrás de mim, como você diz. Mas não. Juro é mais do que capaz de lidar com quaisquer ameaças de segurança.

— Então o que...

— Se você me der um momento, eu vou lhe dizer.

Cyn apertou a boca em irritação e deu-lhe um olhar impaciente.

Raphael riu, e era um som tão feliz, que ela não conseguiu deixar de sorrir. Se ele estava relaxado o suficiente para rir, não poderia ser tão ruim, a menos...

— Ele não é o meu novo guarda-costas, pois não? Porque eu estou perfeitamente segura.

— Não — Raphael assegurou. — Embora eu ainda esteja pensando em encontrar uma fêmea humana para adicionar à sua segurança de dia.

— Eu não preciso... — Ela parou naquele momento e deu-lhe um olhar estreito. — Ok. Derrame. Quem é o novo cara?

— Seu nome é Jared Lincoln. Ele é um dos meus próprios filhos e tem estado comigo quase tanto tempo como Duncan, na verdade, ele e Duncan são amigos bastante próximos. Mas Jared passou a maior parte do seu tempo em lugares diferentes da Califórnia, executando uma variedade de tarefas para mim. Mais recentemente, em Colorado, baseado fora do ninho de Grand Junction. A comunidade aqui é muito maior do que a área em Boulder, os vampiros parecem não gostar da neve.

— Imagine, — Cyn disse secamente, pensando na aversão obsessiva de Raphael ao tempo frio. — Talvez seja um caso da maçã que não cai longe da árvore.

Raphael reconheceu seu ponto com uma sobrancelha erguida antes de continuar. — Jared será o meu novo tenente — disse ele sem aviso prévio.

Cyn olhou para ele. Ela piscou uma vez, em seguida, disse. — Eu achei que fosse Juro a assumir essa posição.

— Foi dada a opção a Juro, mas ele recusou. O meu tenente necessita de uma grande quantidade de contato com os humanos, que Juro prefere evitar. Ele prefere permanecer sendo chefe de segurança.

— Mas ele vai com você o tempo todo em encontros com humanos.

— Como o meu chefe de segurança, sim. Mas, por definição, o papel de guarda-costas envolve muita pouca interação com os humanos que eu encontro. A menos que eles representem uma ameaça, e claro, nesse caso, dificilmente terão uma conversa. Por outro lado, meu tenente precisa lidar pessoalmente com as autoridades humanas e com vários líderes empresariais com quem fazemos negócios. Duncan era um mestre em lidar com os humanos. Isso o fez o vampiro representante perfeito para Washington DC, mas também fez com que ele fosse quase insubstituível pessoalmente para mim. Infelizmente, preciso substituí-lo.

— E este Jared é bom para nós, meros humanos?

Raphael enrolou uma mão ao redor de sua nuca e puxou-a para um beijo ardente. O coração de Cyn estava batendo tão alto que ela mal podia ouvir as palavras que ele murmurou contra seus lábios.

— Não há nada simples sobre você, minha Cyn, — disse ele, sua língua varrendo sobre seus lábios em uma sensual carícia final. — Além disso, você é minha, não mais deles.

— Oh meu Deus — ela murmurou. Lambendo os lábios e tentando não sorrir. — Vocês têm que superar essa obsessão de vocês. Emma e Sarah, ambas...

A expressão de Raphael advertiu para ela parar de falar. Ele ainda não tinha superado esse episódio do sequestro durante o fim-de-semana do casamento de Sarah. Pior ainda, ele insistia em culpá-las ao que ele se referia como seu — trio profano — também conhecido como a amizade entre as três mulheres. Como se fosse de alguma forma culpa delas que tivessem chamado a atenção de um par de homens de Neandertal.

— De qualquer forma — disse Cyn, sabiamente seguindo em frente. — Jared vai fazer audições para o cargo de tenente, é isso?

— Eu sou um lorde vampiro, minha Cyn, não um diretor do coral. Não há nenhuma audição, eu conheço o meu povo e fiz a minha escolha. Convidei Jared aqui para conhecê-lo antes de anunciar formalmente sua posição. Juro sabe, é claro, mas mais ninguém.

— Tudo bem — disse Cyn, um tanto em dúvida. Ela não sabia por que, mas de alguma forma achava que devia ter sido consultada antes de Raphael tomar uma decisão como esta. Mas mesmo enquanto ela teve esse pensamento, ela sabia que era estúpido.

Como Raphael disse, ele era um lorde vampiro. Ele conhecia bem o seu povo, especialmente quando se era um dos seus próprios filhos.

— Cyn — disse Raphael pacientemente, parecendo conhecer seus pensamentos. — Eu valorizo a sua opinião, e os seus instintos. Se você não gostar dele, ele permanecerá no Colorado.

Ok, ela se sentiu um pouco melhor sobre a coisa toda.

— Eu deveria ir me vestir — disse ela, de repente, consciente de que ela ainda estava vestindo a sua roupa de banho molhada sob o robe espesso.

— Realmente, — Raphael concordou. — Esse maiô é demasiado pequeno para a minha paz de espírito.

— É por isso que eu estou vestindo este robe enorme! Além disso, pretendia ter mudado antes que a porra do atirador estragasse os meus planos de vestuário.

O telefone de Raphael tocou, ele não precisou verificar o identificador de chamadas antes de atender. — Juro. Excelente. Veja o seu braço, então se junte a nós na sala de conferência. Ele desligou, e disse a Cyn, — eles abaixaram as persianas da luz do dia no lado da piscina. Do outro lado é muito menos exposto e deve ser seguro.

— É improvável que o atirador tente se movimentar pela frente de qualquer maneira — Cyn comentou. — Levaria muito tempo, e sua segurança está agora em alerta. Além disso, o vale está cheio de vampiros agora, ele vai estar mais focado em ficar longe do que se preocupar em fazer alguma outra coisa. Pelo menos esta noite. — Ela levantou-se, puxou o laço do roupão. — Vou tomar um longo banho quente. Mmm, pena que você não pode se juntar...

Suas palavras foram cortadas quando Raphael de repente estava ali, ao lado dela, seu braço em volta da cintura puxando-a contra seu corpo duro. — Não brinque com os meus desejos, doce Cyn. Não esta noite. — Ele a beijou novamente, seus lábios esmagando os dela, sua língua explorando sua boca.

Cyn respondeu ansiosamente, serpenteando seus braços ao redor de seu pescoço, pressionando-se contra o seu corpo longo. Ela gemeu quando ele arrancou o laço do seu robe, mas então ele a soltou abruptamente, seus olhos brilhando com humor. — Ah, mas nós não temos tempo.

Seus olhos brilharam para ele. — Isso foi cruel — ela ofegou, seus dedos fechados no tecido de sua camisa enquanto seu corpo exigia mais.

— Não mais do que você me atormentar com imagens do seu corpo nu sob um chuveiro quente.

— Touché — ela concordou com um gemido, depois levantou-se sobre as pontas dos pés e tocando seus lábios nos dele. — Acho que deveríamos nos recolher cedo esta noite, — ela sussurrou contra sua boca. — Precisamos descansar e nos recuperar de termos escapado da morte.

Os olhos negros de Raphael queimaram com fogo prata. — Uma ideia sensata — ele disse com sua voz de veludo. — Talvez apenas um banho rápido. Quanto mais cedo voltar para a sala de conferência, mais cedo será possível... descansar.

Cyn sorriu. — Estou indo, garoto vampiro. — Ela lhe deu um beijo duro, rápido, em seguida, virou-se e saiu da sala de conferência, parando apenas para soprar-lhe um último beijo antes de sair. No corredor, ela correu para Juro que caminhava de volta para ver Raphael. Ele tinha trocado de roupa, ou pelo menos tinha mudado sua camisa e vestido o paletó habitual. Seu braço não estava pendurado tão inutilmente ao seu lado.

— O braço? — perguntou, seus olhos desafiando-o a fingir que nada estava errado.

— Quebrado — admitiu. — Despedaçado — ele emendou, quando ela levantou uma sobrancelha. — Tenho tomado sangue, e ele está ligado. Vai estar curado amanhã à noite, Cynthia.

Visto aquelas serem, provavelmente, o maior número de palavras que Juro alguma vez tinha falado com ela, Cyn acreditou nele. — Encare desta

forma, grandalhão — disse ela sorrindo quando sua expressão se apertou no seu uso do apelido carinhoso. — Você abrandou tanto a bala, que eu aposto que podemos recuperá-la, certo?

Ele assentiu com relutância, claramente consciente de que Raphael não gostaria que ela estivesse perto dessa investigação. — Como a porta estava aberta, ela atravessou o meu braço e se alojou na pedra da lareira, — ele disse.

— Excelente. Isso não vai nos ajudar a pegar o cara, mas pode limitar as possibilidades, e vai certamente ajudar a confirmar sua identidade, uma vez que o apanharmos.

Outro breve aceno.

— Está vendo? — Disse Cyn, acariciando seu braço ileso. — Isso não foi tão ruim. Vou me trocar, mas vou ver você novamente na sala de conferências com o cara novo, certo? — Ela riu e correu pelo corredor em direção ao quarto que dividia com Raphael.

Uma vez que ela chegou lá, no entanto, ela estava mortalmente séria, esmurrou nos números em seu telefone enquanto tirava o roupão. Pequenos pedaços de sujeira caíram do manto e salpicaram no tapete, lembranças do seu mergulho para o chão com Raphael quando o tiroteio começou. Ela estremeceu, embora não soubesse se era do frio ou da memória de quão próximo Raphael tinha estado de ser morto, ela não tinha certeza. Colocou o telefone em seu ombro, ouvindo-o tocar do outro lado enquanto tirava o maiô úmido. Era uma peça pegajosa que enquanto ela tirava fazia voltas. Revirou-a em uma bola molhada, caminhou para o banheiro e o atirou para um canto do chuveiro. A água iria lavar o cloro, o que ela não estava acostumada. A piscina na casa em Malibu era de água salgada.

O telefone parou de tocar quando a chamada foi atendida. — Olá, Leighton, — Colin Murphy disse alegremente. — O namorado sabe que você está me ligando?

— A namorada sabe que você atende quando eu te ligo? — Ela disparou de volta.

— Me pegou. O que está acontecendo?

— Eu preciso de algumas informações sobre atiradores.

— Pensando em atirar em alguém de longe? Pensei que você preferia trabalhar próximo.

— Ha, ha. Não, é porque... — Cyn parou, de repente ciente de que estava prestes a dizer a outro Lorde vampiro que alguém tinha tentado assassinar Raphael. É verdade que ela não estava realmente dizendo a Sophia, mas não havia dúvidas de que Colin iria dizer a ela. Ele era o companheiro de Sophia, e estava no comando de sua segurança. Claro que ele diria a ela.

— Eu só preciso da informação — disse ela calmamente.

Colin ficou em silêncio por um momento, então ele disse, — Tudo bem. Diga-me o que você precisa.

Cyn imaginou o deck de madeira, com a piscina de borda infinita, e para além disso... nada, a não ser um vale aberto por talvez de 640 metros até uma encosta rochosa que se projetava ao fundo do vale. Você não podia nem vê-la no escuro, mas estava lá. E esse tinha sido o local provável mais próximo que o atirador conseguiu. Passado desse ponto, as possibilidades eram infinitas.

— Quantos atiradores conseguem atingir um alvo mais ou menos parado em 640 a 730 metros?

Colin ficou em silêncio novamente, provavelmente tentando descobrir a partir da sua pergunta exatamente o que tinha acontecido. — Um monte de atiradores poderiam acertar em algo tão perto, Cyn — disse finalmente. — Você pode limitar isso?

— O que você quer dizer? Como eu posso limitar?

— Bem, em primeiro lugar, ele foi bom? Ele acertou?

Merda. — Não — disse Cyn rapidamente.

— Ok — Colin continuou, sem saber, ou pelo menos fingindo desconhecer, o campo minado em que eles estavam pisando. — Noite ou dia? Tempo? Foi na chuva, seco? Vento?

— Noite, seco, sem muito vento.

— Tiro fácil, então, se você tem a arma certa e sabe como usar. Inferno, eles têm competições para esse tipo de tiros. Donas de casa atiram em algumas delas.

Cyn fez uma careta. Isto não era o que queria ouvir. Por outro lado... — Ok, mas donas de casa não são exatamente contratadas para serviços como assassinas. Então, quem é?

— Ah, isso muda tudo. Ok, talvez um punhado deles trabalhem fora dos esquadrões do governo militar ou sancionados, embora alguns desses caras sejam conhecidos por trabalhar do outro lado, também.

— Se eu quisesse contratar alguém assim, aonde eu iria?

— Leighton.

— Murphy — ela imitou impaciente.

Ele suspirou. — Droga, tudo bem. Mas não é exatamente uma loja de atiradores, você sabe. Algo como isso é de boca em boca, nem mesmo tem um maldito anúncio nos classificados na parte de trás de uma revista. Você teria que conhecer um mediador, e ele teria que confiar em você o suficiente para colocar de fora as antenas.

Cyn fez uma pausa, tentando decidir se havia algo nas entrelinhas do que Colin estava dizendo. — Será que algo assim pode ser localizado? Quer dizer, atiradores têm territórios?

— Não, Leighton — disse ele com paciência forçada, — Nós temos aviões agora, tenho certeza que você já ouviu falar deles.

Ela suspirou profundamente. — Vamos, Murphy, eu estou trabalhando no escuro aqui.

— Sim — ele rosnou. — Eu conheço o sentimento.

— Tudo bem. Não se preocupe. Vou tentar algo...

— Não, você vai se matar, e eu vou me sentir mal por isso. Olha, vou perguntar discretamente. Isso é um conceito que você provavelmente não está familiarizada.

— Ei, Murphy. Eu era uma I.P. por anos. Sei ser discreta.

— Uh uh, vou verificar ao redor, e ligar de volta para você. Qual é o nosso tempo?

— O mais breve possível.

— Naturalmente. Eu vou fazer o meu melhor, e Leighton? Você deve ter cuidado. Se alguém está se dando ao trabalho de contratar alguém, eles falam sério, e eles têm dinheiro. Talento como esse não sai barato.

— Sim, bem. Eu também falo sério, e eu tenho muito dinheiro.

Colin riu. — Cuide de si mesma, Leighton. Sentirei a sua falta se você se for.

Ele desligou sem esperar pela sua resposta. Cyn olhou para o relógio, jogou o telefone e correu para o chuveiro.

CAPÍTULO 2

Jared entrou na sala de conferências e se curvou profundamente, — Sire — disse ele, esperando até Raphael o reconhecer com um aceno curto antes de tomar o assento à direita de Raphael. Ele acenou uma saudação para Juro, que permaneceu de pé à esquerda de Raphael. O grande chefe de segurança devolveu a saudação, sua expressão sem registrar nenhuma emoção visível.

— Sua companheira não confia em mim — Jared observou.

— Ela não conhece você — respondeu Raphael. — Minha Cyn é muito protetora, e ela não confia facilmente.

— Ouvi histórias sobre ela — disse Jared. Ele se apressou a explicar quando Raphael lhe deu um olhar frio. — Grandes elogios, meu senhor. E mais do que um pouco de medo. Os rumores dizem respeito a recentes acontecimentos em Seattle, e antes disso, Arizona. Eu ainda tenho excelentes contatos lá.

Raphael relaxou um pouco e sorriu com tristeza. — Ouvi os mesmos rumores, Jared. E receio que eles sejam todos verdadeiros. Ela tem o coração de uma guerreira.

Ele suspirou e mudou de assunto para um que ele estivesse mais disposto a discutir. Ele sabia que os seus vampiros fofocavam, ele sabia que eles fofocavam sobre ele e, por extensão, sobre Cyn. Mas ele não gostou. Além disso, eles tinham coisas mais importantes para discutir esta noite. — Você sabe da tentativa de assassinato de hoje à noite.

Jared assentiu. — Juro me informou, meu senhor. Nós temos certeza...

— Que eu era o alvo, sim. Como Cyn salientou. Se fosse ela, o assassino tinha tido várias oportunidades antes de me juntar a ela.

— Sua visita aqui em Grand Junction não foi discutida abertamente, meu senhor, mas não era um segredo, também. Seus inimigos teriam tido uma ampla oportunidade para planejar isso. — Ele inclinou-se para frente formalmente. — Não pode ser coincidência, meu senhor, que isto aconteceu na véspera do conflito de Lucas com Klemens.

— Não, tenho certeza que não é. Mas por que tentar me matar por causa disso? Mesmo dentro da minha própria casa, são poucos os que sabem do relacionamento de Lucas comigo.

— Que eu saiba, somos só nós, aqueles que estavam lá no início, meu senhor — disse Jared, inclinando a cabeça brevemente, como se tivesse respeito pela sua boa sorte por ter sido um dos poucos. — Certamente, ninguém no meu ninho Grand Junction sabe disso, e eu nunca ouvi falar disso durante o meu tempo no Arizona.

— Klemens não precisa saber que você é o Sire de Lucas para saber que você é inimigo dele, meu senhor, — Juro retumbou. — E o ditado, o inimigo do meu inimigo é meu amigo, aplica-se tanto para os vampiros como para os humanos.

Jared assentiu com a cabeça. — Klemens odeia você, Sire. Ele sempre odiou. E como se não bastasse, ele sabe que você e Lucas são bons vizinhos. Não houve disputas fronteiriças entre vocês, enquanto Klemens tem brigado com todos, e disputando cada palmo da fronteira em todos os lados do seu território. Mesmo agora, Rajmund está sendo forçado a reafirmar suas posições ao longo da sua fronteira ocidental, onde Klemens tinha tentando tirar proveito da velhice do Krystof. E tem havido violência entre eles. Adicione a sua recente visita a Manhattan para o casamento de Rajmund... Bem, eu ouvi que Klemens ficou furioso quando soube disso.

— Minha Cyn e a Sarah de Rajmund são velhas amigas. Foi por causa dela que nós fomos.

— Mas você esteve presente. Rajmund recebeu você em seu território, e não pela primeira vez também. Klemens é um velho vampiro desconfiado, alguns podem até dizer paranoico.

Raphael começou a responder, mas olhou para cima quando ele sentiu Cyn vir pelo corredor. Ela parou na porta e murmurou algo para Elke, que estava de guarda. Ela falava muito baixo, mesmo para a audição aguda de Raphael. Não havia dúvidas que tinha sido de propósito. Cyn tinha aprendido rapidamente como burlar o seu escrutínio. Era frustrante, mas ele também admirava sua inteligência e até mesmo a sua coragem em desafiar ele. Claro, ele nunca diria isso a ela. Ele ainda estava sorrindo com o pensamento quando ela entrou na sala.

** ** **

Cyn pegou o final do comentário de Jared sobre um cara chamado Klemens enquanto ela se dirigia a Elke, que estava de serviço de guarda do lado de fora da porta. Ela trocou algumas palavras com a vampira fêmea, que era ao mesmo tempo amiga e guarda-costas, e em seguida, entrou na sala de conferências.

— Não é paranoia se eles realmente estão atrás de você, — ela disse, apenas parcialmente brincando enquanto ela contornava a mesa. Ela tocou o braço de Juro levemente quando passou por ele, expressando solidariedade com o grande vampiro japonês da única maneira que ele permitia, especialmente na frente de um estranho. Mesmo que ambos, Raphael e Juro, pareciam conhecer Jared bem, ela não o conhecia. E isso fazia dele um estranho. Nunca tinha sequer ouvido falar o seu nome antes desta noite.

Mas ela conhecia a si mesma, e sabia que uma parte do seu ressentimento e desconfiança por Jared Lincoln resultava de uma falta de

vontade de aceitar qualquer um na antiga posição de Duncan. Parecia impossível que Jared pudesse assumir o papel que Duncan tinha ocupado por tanto tempo.

Raphael puxou a cadeira vazia à sua esquerda mais perto da sua em um convite para ela se sentar ao lado dele. Cyn disfarçadamente estudou o novo cara enquanto se juntava a Raphael. Jared tinha boa aparência, ela dava-lhe isso. Ele era negro, as suas características eram atraentes, com olhos cor de café. Sua cabeça estava raspada, mas usava uma barba e bigode bem aparado. Era difícil dizer enquanto estava sentado, mas Cyn voltou a pensar quando o tinha visto pela primeira vez e adivinhou que ele seria um pouco mais alto do que o seu um metro e oitenta, talvez um metro e noventa. Seus ombros eram largos, e parecia estar em excelente condição física. Mas, todo o pessoal da segurança de Raphael estava em ótima forma, e ela esperaria nada menos do vampiro que ele tinha escolhido como seu tenente. Ela assumiu que ele também era inteligente e habilidoso nas artes marciais, uma vez que esses eram mais dois traços em comum que os vampiros que Raphael mantinha mais próximos dele.

Ela tornou-se ciente de Raphael observando-a e deu-lhe um sorriso de desculpas.

— Desculpe — disse ela um pouco sem fôlego. — Demorou mais tempo do que esperava para tomar banho e me mudar.

Raphael olhou fixamente quando ela deslizou em seu assento. Ele a conhecia muito bem, era muito bom em ler a sua linguagem corporal e suas emoções. Ele provavelmente suspeitava que ela tinha sido atrasada por mais do que um chuveiro demasiado longo. E, eventualmente, ela lhe contaria a verdade, mas não na frente de Jared. Ela não o conhecia bem o suficiente ainda.

— Então, quem é Klemens? — Perguntou ela, em vez disso, repetindo o nome do vampiro que eles estavam falando quando ela entrou na sala.

— Stavros Kryakos Klemens é o Lorde do Meio Oeste — Jared disse educadamente, sua voz suave e melódica. O tipo de voz que a fez pensar que ele provavelmente conseguiria cantar bem.

— Jared — Raphael disse, — Não acredito que você foi apresentado a minha companheira, Cynthia Leighton. Minha Cyn, este é Jared Lincoln, um dos meus e um antigo membro de confiança da minha equipe.

Cyn não perdeu a sugestão não tão sútil dessas últimas palavras. Raphael sabia que ela não confiava em Jared e estava lhe dizendo que confiava no vampiro. Além disso, ele estava dizendo para ela ser bem-educada. Ou pelo menos que gostaria que ela fosse. Ela suprimiu a vontade de revirar os olhos, engoliu o suspiro profundo que teria dado junto com o revirar de olhos, e sorriu agradavelmente.

— Jared — disse ela, reconhecendo a apresentação com um acena de cabeça.

— Ms. Leighton — ele respondeu, seus olhos escuros dançando com humor.

Bem, pelo menos ele tinha senso de humor. Isso certamente vinha a calhar se ele iria viver em Malibu com o resto deles.

— Chame-me Cyn. Então, Stavros Kyriakos sei que é o Lorde do Meio Oeste, mas Klemens? De onde veio isso? — Perguntou ela, passando para o assunto em questão.

Ela trocou o seu olhar de Jared para Raphael.

— Klemens é o seu único nome verdadeiro. Ele pegou o outro, porque ele pensou que era mais grandioso, mais adequado a sua posição atual.

— Mais adequado a sua auto imagem, — Jared disse secamente. — Klemens nasceu e cresceu em Chicago. Ele era um estudante universitário de História grega no momento da sua mudança, daí o grande nome para si mesmo.

— Entendo. Mas por que é que ele quer Raphael morto? E porque enviar um atirador? Se ele está atrás do território, ele não precisa matar Raphael ele próprio?

— Não necessariamente — respondeu Raphael. — Mas, de qualquer forma, eu não acredito que ele esteja atrás do meu território.

— Ele não iria recusar se tivesse oportunidade, — Jared interrompeu.

Raphael fez um gesto de desprezo. — Ele nunca poderia segurá-lo. Eu posso nomear dez do meu povo que poderiam derrotá-lo e segurá-lo para si mesmo se ele conseguisse matar-me. De fato...

— Ok — Cyn interrompeu, querendo fazê-los parar de falar. Apenas o pensamento de Raphael morrer fez o seu coração doer. Ela colocou a mão no peito como se quisesse esfregar a dor. Raphael se aproximou e pegou a mão, levando-a aos lábios para um beijo suave, como se compreendesse a causa de sua inquietação.

— Ele não vai ter sucesso, lubimaya. Você não se vai livrar de mim tão facilmente.

Cyn encontrou seu olhar e desviou os olhos. Quando ela voltou a sua atenção para Jared, ela era todo negócio.

— Então, por que ir atrás de Raphael?

Ela reparou no rápido olhar interrogativo de Jared para Raphael, como se perguntando o quanto poderia dizer. Ela supôs que era incomum para uma mulher humana ser envolvida na discussão desagradável de quem estava tentando matar alguém e o porquê.

Ainda mais incomum quando o alguém que estava sendo caçado era o seu companheiro e um lorde vampiro.

Raphael apertou a mão que ele ainda estava segurando. — Cyn é a minha conselheira mais próxima, Jared, e uma investigadora experiente. Você pode compartilhar os detalhes ou as especulações que temos.

— Muito bem, meu senhor — Jared reconheceu. — Nós estamos apenas especulando, Sra. Leighton, — ele começou, mas Cyn o interrompeu imediatamente.

— Chame-me Cyn — ela repetiu. — Ou pelo menos Leighton se você preferir. Toda a coisa de Sra. me dá urticária.

Raphael deu um longo suspiro de sofrimento, e ela se virou para ele com um sorriso impenitente, mergulhando a cabeça brevemente para seu ombro.

Jared tossiu o que parecia uma suspeita risada. — Bem... Cyn — ele conseguiu. — Acreditamos que Klemens está preocupado que Lorde Raphael vá ajudar Lucas se ele for para a guerra. Ou, provavelmente deveria dizer — quando — visto que a guerra é quase certa começar entre eles a qualquer momento.

— Lucas o Senhor das Planícies, certo? — Ela esclareceu, com um olhar questionador a Raphael. — Seu território é entre você e Klemens?

— Mais ou menos — confirmou Raphael. — Klemens tem provocado esta guerra por algum tempo, mas Lucas foi forçado a deter-se, apagando alguns incêndios, por assim dizer, ao longo da sua fronteira.

— O que esta segurando ele de volta? — Perguntou Cyn curiosa. — Ele é fraco demais para uma guerra em grande escala?

— Nem um pouco — disse Raphael rapidamente. — Acredito que Lucas vai derrotar Klemens com bastante facilidade quando chegar a hora.

— Infelizmente — Jared entrou na conversa, — o FBI está colocando o nariz nos negócios de Lucas agora. Eles deveriam ter visitado sua fazenda, mas eles continuam atrasando, e ele não quer começar uma guerra com o FBI nas suas costas.

— Sua fazenda? — Cyn repetiu em descrença. — Estamos falando de vacas e cavalos reais? Esse tipo de fazenda?

O canto da boca de Jared se levantou em diversão. — Não há vacas pelo que eu sei, mas tem muitos cavalos. Lucas cria-os, principalmente para seu próprio prazer, eu acho. Mas ele vende alguns. Faz um bom dinheiro, também. Ele, aparentemente, sabe o que esta fazendo.

— Huh. O que o FBI quer com um criador de cavalos vampiro?

— É uma investigação de uma pessoa desaparecida. O homem desaparecido aparentemente está ligado com um ou dois vampiros.

— Desaparecimento de uma pessoa geralmente não é trabalho do FBI — Cyn comentou. — Especialmente desde o 11 de Setembro. Eles estão focados em outras coisas.

— Você está certa — concordou Jared. — Mas isto é pessoal. Lucas fez algumas chamadas para o nosso povo no FBI. O agente que anda atrás de Lucas está investigando isso no seu tempo pessoal. É o seu irmão que está desaparecido.

— Lucas está retardando, esperando que essa coisa do FBI acabe — acrescentou Raphael.

— Mas ele só pode fazer isso até um certo tempo antes do seu próprio povo começar a duvidar dele. A mulher do FBI está atrasada, ou assim alegou, mas finalmente deve chegar na próxima semana.

— A parte boa é que ela é uma mulher — Jared disse, trocando um olhar de cumplicidade com Raphael.

Cyn franziu a testa e deu a Raphael um olhar interrogativo.

Raphael sorriu brevemente. — Lucas tem jeito com as mulheres. Ele afirma que é porque ele ama a todas, e elas sabem disso.

As palavras forma duras, mas Cyn sentiu afeição por baixo. — Então Klemens está certo — Cyn disse a Raphael. — Você apoia Lucas.

Raphael abaixou a cabeça lentamente. — Eu sou o seu Sire, minha Cyn, embora poucos estejam cientes da nossa relação. Mas Lucas é um Lorde Vampiro e plenamente capaz de defender o seu território. Ele não precisa da minha ajuda.

Cyn estudou Raphael, tentando descobrir se ele iria ajudar Lucas, se necessário. Ela entendeu porque ele não o dizia. Ou, pelo menos, ela pensou fazê-lo. Em primeiro lugar isso iria prejudicar a autoridade de Lucas sugerindo que ele precisava de ajuda para proteger seu próprio território. Os vampiros eram muito espinhosos sobre essas coisas. E em segundo lugar, ou talvez fosse apenas uma continuação do primeiro motivo, se Raphael dissesse que iria ajudar Lucas, isso implicava que Lucas não poderia fazê-lo por conta própria, que seu Sire não acreditava nele.

A relação entre um Sire e seu vampiro criado era poderosa. Se Lucas acreditasse que tinha perdido a confiança de Raphael na véspera da batalha, seria um golpe devastador. Ela não tinha estado com Raphael muito tempo, nunca tinha assistido a uma guerra de vampiros em completo desenvolvimento, mas as brigas de vampiros que tinha testemunhado não eram nada desprezíveis. Elas eram curtas, brutais e sangrentas. E, no final, os perdedores eram literalmente soprados ao vento.

Mas enquanto tudo isso era muito interessante, não havia nada aqui para ajudar o problema de Cyn, que era descobrir quem estava tentando matar Raphael.

— Ok, então nós acreditamos que Klemens contratou um atirador humano para matar Raphael, — Cyn confirmou, arrastando a conversa na direção certa.

— Por que você assumiu que ele era humano? — perguntou Jared, franzindo a testa. — Os vampiros têm uma visão noturna muito maior.

— Sim, mas esse cara se preparou bem antes do pôr do sol. Atirar é uma habilidade única, quase uma ciência. E eu não estou falando sobre as pessoas fazem isso como um esporte competitivo. Estou falando sobre as

pessoas que aprenderam seu ofício nas forças armadas ou da lei, que já mataram mais de uma vez. Eles não se abaixam, puxam a arma e disparam. Eles precisam de tempo de preparação. A arma tem que estar estável, o campo tem que estar aberto. Ele precisa saber as condições e calcular em conformidade. Eu não sei se você já viu a paisagem do vale, mas eu vi, e durante o dia. Não há lugar para um vampiro se manter afastado do sol, de forma a estar no local durante o dia. Confie em mim, uma vez que encontrarmos o ninho ou o esconderijo do atirador, você descobrirá que ele é humano.

** ** **

Enquanto Jared e Cyn debatiam a provável identidade do atirador, Raphael estudou sua companheira, olhando o seu rosto adorável, sentindo sua mente clara revelar cada palavra que dizia. Ele também estava tentando perceber exatamente o que ela esteve fazendo com o tempo extra que demorou para trocar de roupa. Ele não acreditou, nem por um momento, na mentira de ela se demorar em vestir. Oh, certamente ela tinha sido apressada, mas não porque demorou tanto tempo para ela tomar banho e se trocar. Ele morava com essa mulher, ele sabia exatamente quanto tempo ela levava para ficar pronta, com pressa ou não.

Não, ele estava certo de que ela tinha prosseguido com alguma investigação sobre o tiroteio. Não importa que ele não queria que ela fosse atrás de quem quer que estava por trás disso. Ela faria de qualquer maneira, e ambos sabiam disso. O que tornava suspeito era que não queria que ele soubesse o caminho específico da investigação que ela estava seguindo. Ela não teve tempo para mais do que um telefonema ou dois, mas para quem? Poderia ter ligado para seu ex-mentor de LAPD, Dean Eckhoff. Ele era um detetive de homicídios e tinha alguns recursos úteis. Mas Juro compartilhava a opinião de Cyn que o tiro tinha vindo de uma protuberância

rochosa da encosta a vários centenas de metros de distância. Raphael não era especialista nessas coisas, mas ele duvidava até mesmo que a polícia de Los Angeles visse muitos atiradores atirar com aquela qualidade, então quem....

Raphael afastou seu impulso imediato de raiva quando um certo nome veio imediatamente à mente. Colin Murphy. O ex-SEAL da Marinha que era agora companheiro de Sophia, Senhora dos Territórios Canadenses. Murphy e Cyn tinham forjado uma amizade naquele dia terrível, em novembro passado, quando Cyn quase foi morta. Raphael quase tinha matado Mulphy junto com o guarda-costas de Cyn, Robbie, furioso que eles tinham sobrevivido ilesos enquanto sua Cyn teria de lutar por sua vida. Tinha sido Cyn a perder o pouco do fôlego que tinha a implorar por suas vidas. Pensamentos daquele dia ainda tinha o poder de agitar a sua própria alma.

Cyn fez uma pausa no meio da frase, virando-se para encará-lo com um olhar sério.

Ela deve ter sentido a onda de suas emoções através do vínculo. Mesmo que ela não conseguisse ler seus pensamentos, era uma mulher muito intuitiva, e conhecia bem Raphael. Ele estendeu a mão, e ela aceitou, ligando os dedos nos dele.

— Acontece que Jared e eu temos Texas em comum, Raphael — disse ela, fluindo sobre o momento e, obviamente, ciente de que ele não tinha ouvido a conversa.

— Realmente vi Cyn quando estive lá, meu senhor — Jared lhe disse. — Embora eu não sabia quem ela era na época.

Raphael desviou o olhar para Jared. — Você estava na propriedade de Jabril? — Ele rosnou.

— Apenas a primeira noite, meu senhor. Saí mais tarde naquela mesma noite. Eu já tinha conseguido o que queria, o que você me enviou

para lá fazer. Se soubesse quem ela era, claro, eu nunca a teria deixado lá sozinha.

Cyn reagiu previsivelmente a isso com um bufo desdenhoso de ar, — Eu estava perfeitamente bem, e você só teria estado no meu caminho. Pior, você provavelmente teria assustado o inferno de Mirabelle, e ela nunca teria deixado aquele lugar horrível comigo.

Jared parecia um pouco surpreso com essa avaliação desdenhosa, enquanto Juro, que tinha estado silenciosamente ouvindo até agora, bufou de diversão. Foi uma rara demonstração de emoção para seu chefe de segurança calado, Cyn tinha esse efeito em seus vampiros.

— Muito bem — disse Raphael abruptamente. — Juro, você pode terminar a atualização de Jared sobre a situação de segurança e o que está sendo feito para rastrear esse assassino, por favor.

— Eu gostaria que me atualizasse, também — disse Cyn.

— Não esta noite — disse Raphael categoricamente. — Nós temos outros planos. — Ele se levantou, ainda segurando a mão dela, e deu-lhe um olhar de expectativa. Cyn olhou para ele com uma careta. Ela sabia que eles não tinham planos. Na verdade, seus planos eram originalmente evolvendo Raphael a ser amarrado em reuniões a maior parte da noite. Mas ele sabia que ela não iria interrogá-lo na frente de nenhum dos seus vampiros.

Ela assentiu com a cabeça e deixou puxá-la para cima e para dentro do círculo de seu braço, a mão apoiada em sua cintura.

Jared se empurrou para longe da mesa e ficou em pé imediatamente. — Sire — disse ele, inclinando a cabeça em respeito. — Cyn, foi um prazer conhecê-la, finalmente.

— Obrigado, e eu tenho certeza de que iremos trabalhar juntos nisso. Juro, falaremos mais tarde — acrescentou, dando um olhar de lado para Raphael.

Raphael conduziu Cyn para fora da sala de conferência, em seguida, caminhou pelo corredor até seus aposentos privados, segurando a mão dela com força. Cyn correu para acompanhá-lo, mas suas pernas eram quase tão longas quanto as dele, por isso não era um esforço muito grande. Ela permaneceu em silêncio até chegarem à privacidade do seu quarto, mas logo que fechou a porta, ela se virou para ele.

— Que planos? — Ela perguntou imediatamente. — Há algo sobre esta tentativa de assassinato que você não contou... — suas palavras cortadas quando ela finalmente reparou em sua raiva. — Raphael? — ela disse cautelosamente.

— Minha Cyn — ele ronronou, estendendo a mão e escovando uma mecha de cabelo do rosto, deixando os seus dedos deslizarem para baixo sobre a sua mandíbula e pescoço antes de envolvê-los em torno de sua nuca.

Sentindo seu humor, Cyn se inclinou para longe dele, empurrando-se para trás contra a mão dele.

— Você tem estado ocupada esta noite — disse ele, massageando suavemente a parte de trás de seu pescoço.

Ele viu a guerra em sua expressão quando ela decidiu se ia resistir ou simplesmente admitir o que tinha feito. Admissão ganhou. Principalmente, porque era orgulhosa demais para mentir, mas também, ele estava seguro, ela sabia que ia descobrir a verdade e, eventualmente, ficar duas vezes mais irritado.

Cyn soltou um suspiro impaciente e revirou os olhos com desgosto. — Bem. Então eu fiz alguns telefonemas. Eu tenho recursos, Raphael. Quando alguém tenta matá-lo, eu vou usá-los.

— Os recursos incluem Colin Murphy?

— Como é que você... — ela sacudiu a mão dele com raiva e deu um passo para trás, tentando novamente colocar alguma distância entre eles,

mas ele era rápido demais para ela. Ele a puxou para perto, com mãos gentis, mas inflexíveis enquanto a segurava no lugar.

— Você tem o meu telefone grampeado? — Ela perguntou.

— Minha doce Cyn — ele a repreendeu. — Não preciso tocar em seu telefone. Sei como a sua mente funciona. E eu não gosto de você ligando para Colin Murphy para qualquer coisa.

— Você não me pode dizer o que...

Raphael a beijou, puxando-a contra seu corpo, envolvendo o braço em volta de sua cintura para segurá-la lá. Cyn lutou brevemente, principalmente pela aparência, pensou, com a atração que sempre queimava entres eles assim que ele a agarrou. Ela suavizou quase de imediato, sua boca abrindo-se para ele, seus braços foram ao redor de seu pescoço enquanto esmagava os seios contra o seu peito.

Raphael deslizou os dedos sob a borda de sua camisa e puxou-a para cima, soltando-a tempo suficiente para puxar pela cabeça e jogá-la de lado. Ele inclinou a cabeça para os seus seios, seus montes macios, saliências douradas fora das copas de renda do seu sutiã. Ele chupou ferozmente um de seus mamilos através do tecido, mordendo com força o suficiente para que Cyn assobiasse, suas unhas arranhando seu crânio enquanto ela segurava a cabeça no lugar, arqueando para a frente se oferecendo para a boca dele.

Raphael arrancou o gancho frontal de seu sutiã, agarrando os seios, os polegares movendo seus mamilos em picos rígidos.

— Tire isso — Cyn murmurou. Rasgando sua camisa antes de suas mãos caírem para o fecho de seus jeans. — Estes também, — ela exigiu.

Raphael riu, encantado com a resposta dela para ele. Não importa o quão zangada ela estava, não importa o quão zangado estava ele, isto estava sempre lá. Esta paixão entre eles, que ameaçava queimá-los vivos às vezes. Isso era algo que ela não tinha com nenhum outro homem. Ele nunca

permitiria isso, mesmo que ela desejasse. Ela era sua, agora e sempre, e ele provaria isso a ela mais uma vez esta noite.

Raphael tirou a sua camisa por cima da cabeça e jogou-a no chão, abriu o botão de suas calças jeans e empurrou-as até aos tornozelos, saindo delas enquanto levava Cyn em seus braços para a cama. Ela beijava-o avidamente, não deixando sua boca até que ele a jogou na cama.

— Raphael! — Ela ofegou, depois de mexer os quadris suavemente quando ele se inclinou para a tarefa de remover as calças confortáveis dela. Não havia botões ou zíperes, ele simplesmente rolou-as para baixo sobre os seus quadris tirando-as de suas pernas, deixando-a sem nada, a não ser um pequeno pedaço de renda. Ele estendeu a mão para ele, a única coisa entre ele e o calor úmido entre as pernas de Cyn.

— Eu faço isso — ela disse rapidamente. — Eu gosto destas! — ela coloca seus polegares nas laterais estreitas e deslizou a calcinha para baixo dos seus quadris, levantando sua bunda sedutoramente enquanto ela deslizava a calcinha sob o seu corpo e pelas suas pernas. Raphael pegou a calcinha, impaciente, puxando-a para baixo ao longo das suas panturrilhas e dos pés, jogando-a sobre seu ombro. Ele se inclinou sobre seu corpo nu, seu olhar deslizando sobre cada polegada de sua pele lisa, pelos músculos firmes de suas panturrilhas e coxas, para a sua boceta perfeitamente lisa. Raphael lambeu os lábios, em seguida, levantou o olhar para encontrar o de Cyn. Ela estava olhando para ele com os olhos embaçados de desejo, seu acentuado verde virou musgo quando ela encontrou seu olhar faminto. Seu peito subia e descia rapidamente, o coração pulsante por baixo do peito dela. Os mamilos dela estavam inchados, escuros e perfeitos, guloseimas atrativas implorando pela sua mordida.

Raphael sorriu quando ele agarrou suas pernas, em seguida, passou as mãos até o interior de suas coxas, espalhando-as até que as dobras inchadas de seus lábios estivessem a vista, tão bonita, tão inchada com o desejo, apenas implorando-lhe para tocar. Ele acariciou seu polegar sobre a prega do seu sexo, suavemente em primeiro lugar, em seguida, mais duro,

sentindo o calor, a umidade cremosa molhando sua fenda, esperando por ele.

Cyn abriu ainda mais as pernas, erguendo-se em um convite ansioso. Raphael agarrou suas coxas, segurando-a no lugar enquanto ele usava os seus polegares para abrir sua boceta. Ele abaixou a cabeça e provou-a, uma rápida lambida de sua doçura, que fez com que Cyn gritasse, seus dedos fortes cavando em seus ombros.

Raphael sorriu em satisfação e abaixou a cabeça novamente, sua língua acariciando-a, lambendo cada bocado da sua umidade, penetrando em sua vagina, dentro e fora como um pequeno pau, saboreando o calor sedoso que ficava mais úmido a cada golpe. Cyn demonstrava sua necessidade de olhos fechados, a cabeça jogada para trás enquanto ela se debatia sob o seu assalto sensual. Sua língua traçou uma lambida erótica entre as dobras inchadas até a pilha pulsante de nervos que era o seu clitóris. Ele também estava inchado, parecendo uma madura e suculenta cereja à espera de ser mordida. Ele rosnou com fome e raspou a língua próximo da sua superfície sensível. Cyn ofegou, seus quadris se levantando da cama, em resposta, enquanto ela gritava seu nome, — Raphael!

Raphael puxou seu clitóris em sua boca, sugando com firmeza enquanto ela se contorcia embaixo dele quando um pequeno orgasmo apertou os músculos da barriga dela. Ela estremeceu, sua boceta apertando e abrindo como se estivesse a procura de um pau para a preencher. Raphael acariciou a língua sob o seu clitóris mais uma vez, em seguida, mordeu, saboreado o néctar doce do sangue de Cyn enquanto ela gritava no meio de um segundo clímax, muito mais forte do que o primeiro. Seu corpo estremeceu debaixo dele, suas coxas fechando ao redor dos ombros, suas mãos puxando o cabelo dele, com as unhas a arranhar o seu couro cabeludo. Raphael liberou seu clitóris, levantou a cabeça e passou a língua sobre a pequena saliência sangrenta uma última vez. Cyn gemeu, sua cabeça se debatendo para trás e para a frente, com as mãos segurando seus

próprios seios, torcendo seus mamilos enquanto ela tentava encontrar a satisfação.

Raphael observou o comprimento do seu corpo enquanto ele inalava o cheiro da excitação dela, a doce corrente do seu sangue. Ele rosnou com fome e levantou-se, colocando os quadris dele em suas coxas, seu pênis pressionando contra a umidade brilhante de seu sexo.

Cyn levantou as pernas em redor dele, cruzando os tornozelos e prendendo-o lá. Os olhos dela se abriram em satisfação quando seus braços circularam no pescoço dele, puxando-o para baixo, para um beijo. Raphael conseguia provar o sexo em seus lábios e sabia que ela estava experimentando a si mesma também. O pensamento o fez ficar ainda mais duro, seu pau estava em uma dor constante de necessidade quando ele estendeu a mão e empurrou-o no calor úmido entre as pernas dela.

A língua de Cyn girou na dele quando seus lábios se encontraram, seus dentes se chocaram com a força do beijo, a língua varria a boca de um lado ao outro. Ela mordeu o lábio inferior, e seu sangue começou a fluir. Ela gemeu com o sabor, e então todo o seu corpo arqueou debaixo dele como se seu sangue corresse pelo corpo, estimulando seus nervos e jogando-a em mais um gritante orgasmo.

Raphael engoliu seu grito, rosnando enquanto empurrava para dentro de seu canal molhado e sedoso, sentindo a carícia exigente de seus músculos que apertavam em torno dele, apertando bastante firme ao mesmo tempo que o orgasmo continuava a percorrer o seu corpo. Ele começou a se mover, lentamente no início, lutando contra o aperto de seu sexo enquanto ela se contorcia ao longo de seu comprimento, querendo segurá-lo no lugar, e ordenhar sua semente. Ele inclinou a cabeça para o seu pescoço, lambendo a sua pele macia, saboreado a doçura salgada de seu suor. Ele mordeu sobre o alto do tendão entre o pescoço e a clavícula, mordendo até a beira da dor antes de sugar a pele, deixando a sua marca.

Cyn agarrou sua cabeça, esmagando o rosto em seu pescoço na evidente procura. Raphael sorriu intencionalmente contra a sua pele. Sua Cyn não queria mordidas doces e marcas de propriedade, ela queria que suas presas afundassem na veia, queria que sua mordida a mandasse gritando em um orgasmo tão intenso que mesmo o gosto do seu sangue não era nada em comparação. Raphael pensou sobre a doçura do seu sangue, sobre o êxtase de ter sua Cyn tremendo debaixo dele, em torno dele, enquanto ela chegava ao orgasmo outra e outra vez.

Ele começou a empurrar mais duro, aproximando as suas longas pernas, saboreado o deslize do seu sexo contra o seu eixo, o tapa de suas bolas contra sua bunda enquanto ela se levantou para responder ao seu ataque, seus músculos tensos com o esforço, seus tornozelos apertados ao seu redor.

Seu peito estava pressionado contra o dela, os mamilos uma carícia de veludo sobre mármore. Ele apertou-se contra seus seios, ela gemeu, arqueando as costas e esfregando-se contra ele desenfreadamente. Raphael levantou a cabeça, olhando seu rosto corado, o brilho de suor ao longo de sua testa. A língua de Cyn saiu para seu lábio superior, e ele se inclinou, rápido como uma serpente, e sugou a sua boca, transformando a ação em um beijo.

Seus dentes se chocaram, suas presas rasparam contra o lábio dela. O sangue começou a fluir, e foi a vez de Raphael gemer. O sangue dela era inebriante, inchando seu pênis até que o corpo de Cyn foi forçado a se esticar em torno dele, seus músculos tremendo com o esforço.

Ele abaixou a boca para seu pescoço, para o calor luxuoso de sua jugular, ouvindo o fluxo de sangue, cheirando o seu doce néctar.

— Raphael — Cyn ofegou, então tremeu em antecipação. — Agora, agora.

Suas presas mergulharam em seu pescoço, através da suavidade de veludo de sua pele, a membrana tensa de sua veia. O sangue fluiu depressa

com a sensação, com o coração disparado de adrenalina de fazerem amor. Raphael sugou, bebeu, sentiu-o fluir como mel escuro em sua garganta, enchendo seu corpo com um calor que correu ao longo de seus nervos e seguiu direito para o pau que estava enterrado profundamente dentro dela. Suas bolas apertadas com a construção de seu orgasmo, a pressão tornava-se quase insuportável antes que rugisse através dele como uma tempestade, roubando a consciência de tudo menos de Cyn, seu cheiro, seu gosto, seu corpo em convulsões debaixo dele enquanto ela gritava, com seu orgasmo enchendo seu ventre, e ambos foram atirados sobre a borda, onde não havia nada, a não ser paixão e êxtase.

Raphael rolou para o lado, levando Cyn com ele, então ela estava deitada em seu peito.

Ele acariciou seus dedos para baixo das suas costas nuas e descansou a mão contra a bunda dela, agarrando uma bochecha redonda possessivamente. Cyn se moveu ligeiramente, levantando a cabeça para beijar seu pescoço, sua respiração quente e úmida. Eles ficaram assim até que suas respirações nivelassem e os seus corações retomassem o ritmo normal.

Cym estava desenhando pequenos círculos em seu peito com os dedos, ocasionalmente acariciando os músculos do braço dele. Ela beijou o peito suavemente, seus lábios demoraram-se até que sua língua saiu para provar a sua pele.

— Você confia em Jared? — Ela perguntou em voz baixa.

— Confio. Ele é meu.

— Ok, eu acho. Vou tentar ser agradável, então.

Raphael riu. — Basta ser você mesma, lubimaya.

— Você está sugerindo que eu não sou agradável? — Ela perguntou, embora um bocejo cansado roubou das palavras qualquer indignação real.

Raphael esfregou sua bunda com carinho. — Você é a perfeição, minha Cyn — ele respondeu. — Mas você é só minha — ele rosnou. — Não se esqueça disso.

Cyn fez um ruído de desgosto. — Como se eu pudesse, como se eu quisesse. Você está preso a mim, garoto vampiro. O que significa que você precisa se manter vivo e bem para atender ao meu desejo insaciável por seu delicioso corpo.

— Acho que posso cuidar disso — ele disse secamente deslizando a mão entre as pernas dela, os dedos mergulhando rapidamente em sua boceta molhada. Cyn ofegou, em seguida, arqueou em seu toque, e ele sentiu o pulsar do seu sexo contra os dedos.

— Tão sensível, minha Cyn, e tão ansiosa.

— Você trapaceia — disse ela sem fôlego.

Raphael riu. — Eu não jogo por mais nenhuma regra a não ser pelas minhas, lubimaya. Você já devia saber disso.

Ela sentou-se abruptamente, montando nele e abaixando o rosto para trocar um beijo suave e persistente.

— Eu te amo — ela disse, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu não posso te perder.

Raphael olhou para ela, intrigado. — E porque você me vai perder, minha Cyn?

— Alguém tentou matá-lo hoje à noite, e eu vou encontrá-lo. Não pode haver muitos atiradores bons o suficiente para pensar que podem atirar em um vampiro a essa distância.

— Mas o atirador não me acertou, então talvez ele não seja tão bom quanto ele pensa que é.

— Oh, como se isso importasse — ela reclamou. Raphael ergueu as sobrancelhas. É, certamente importava para ele.

Mas Cyn ignorou sua expressão para continuar com impaciência. — Quero dizer, é claro que é importante que ele não teve sucesso em matar você. Mas isso não significa que ele não é um atirador rápido, ele simplesmente nunca tinha atirado em um vampiro com o seu poder antes. Você já estava em movimento antes que eu ouvisse o tiro. E mesmo assim levou-me alguns segundos para processar o que era. Mas você sabia que estava chegando antes mesmo de ouvir o som.

— Eu ouvi... — Raphael encolheu os ombros, — o vento de sua passagem.

— E quantos vampiros você conhece que teriam sido tão perspicazes? Não muitos, eu aposto.

— Ao todo, não são muitos. O que você disse a Colin Murphy? — ele perguntou, mudando de assunto abruptamente. Ela ter ligado para o ex-SEAL da Marinha o incomodou muito, e não apenas porque ele não queria que a palavra se espalhasse da tentativa de assassinato.

— Eu não disse nada, ok? Eu só estava tentando descobrir quem contratou o cara, porque ele não vai desistir. Ele pode desaparecer por agora, mas se ele está com um contrato, ele vai tentar novamente. E mesmo você concorda que ele provavelmente foi contratado por Klemens, ou alguém que trabalhe para Klemens. Então, temos que encontrá-lo antes que ele consiga uma segunda chance com você. E se alguém sabe como proceder com uma contratação de um franco-atirador esse provavelmente é Murphy.

Ela tentou se afastar de Raphael, mas ele a manteve imóvel, — Eu não lhe disse nada, — ela repetiu, suas palavras precisas e mais do que um pouco irritada. — Eu perguntei a ele sobre atiradores, sobres quantos havia e quem poderia fazer um tiro assim e como os conseguiria encontrar.

— Quer que eu acredite que Murphy é demasiado estúpido para deduzir o porquê de você estar perguntando isso?

— Talvez ele pense que eu quero contratar alguém — ela rosnou.

Raphael deu-lhe um olhar impaciente.

— Ok, então ele vai saber que alguém foi alvejado, mas não têm como saber que era para você.

Raphael estudou o seu rosto por um momento, enquanto ela olhava para ele de forma desafiadora. — Doce Cyn — ele murmurou, escovando os dedos ao longo de sua bochecha. — Você é mais esperta do que isso.

— O que isso importa? Pensei que Sophia era sua aliada.

— Sophia é minha aliada — ele confirmou. — Por enquanto. Mas ela não é um dos meus, e ela não pode ser confiável além de seu próprio interesse.

— Rajmund não é um dos seus, e você confia nele.

— Eu conheço Rajmund muito melhor do que conheço Sophia, e por muito mais tempo. Mas eu não confio nele por completo. Seus interesses e os meus simplesmente coincidem no momento.

— Bem, eu precisava de informações, e Murphy era o melhor que eu conhecia para obtê-las. Alguém tentou matá-lo, Raphael. Você não pode esperar que eu fique sentada girando os meus polegares.

Raphael suspirou. — Não posso prendê-la, não posso afastá-la de se envolver nisso. Só peço que você use os seus excelentes instintos e bom senso, minha Cyn. Eles podem querer atirar em mim, mas eles ficariam felizes em levá-la em vez disso.

Cyn acariciou o peito dele, inclinando-se até que seus rostos estavam quase se tocando. — Isto é sobre a guerra de Lucas? — Ela perguntou, em seguida, beijou-o levemente.

— Provavelmente. Klemens claramente pensa que pode vencer, ou ele nunca teria começado. Eu o conheço. Ele é um bruto, mas um bruto cauteloso.

— Ele pode? Ganhar, eu quero dizer. Eu sei que você disse na sala de reuniões, mas aqui estamos apenas nós dois. Ele pode vencer Lucas?

— Tudo é possível, mas, não, eu não acredito que ele vai derrotar Lucas. Lucas só não respondeu às provocações de Klemens quando ele as fez, porque eu lhe pedi. Eu queria que Duncan ficasse confirmado como membro do Conselho primeiro. Não foi fácil para ele, mas ele fez isso por Duncan e por mim. Mas Klemens não sabe disso, e ele pode muito bem ter interpretado a falta de Lucas para responder como um sinal de fraqueza. Mas Lucas nunca foi fraco. Ele era um ladrão em Dublin quando eu o conheci, um brigão de rua cujos instintos de sobrevivência foram finalmente aperfeiçoados. Ele vai sempre para a garganta. Mas Klemens não sabe disso, assim como ele não sabe que Lucas é meu filho. Só poucos tem acesso à história entre Lucas e eu, e agora você está entre eles.

— Então, eu posso confiar em você, minha Cyn? — Ele levantou a cabeça para morder suavemente o lábio inferior dela, antes de beijar seu queixo e movendo-se para baixo para beliscar seu elegante pescoço.

Os batimentos cardíacos de Cyn aumentaram, e um impulso de calor se agitou ao longo de sua barriga, onde seu sexo foi pressionado contra ele. — Pode confiar em mim — ela sussurrou, agarrando as mãos em seu cabelo e curvando-se para um beijo longo e duro.

Ele lambeu os lábios quando ela parou para respirar. — Você não vai sair de casa sem Robbie e um outro. Vamos deixar Robbie selecionar, mas eu quero dois guardas com você em todos os momentos.

Cyn deu um longo suspiro de sofrimento, mas disse, — Tudo bem. Dois guardas, eu prometo.

Ele bateu no seu rabo. — Venha tomar um banho comigo, tenho reunião com Juro sobre o tiroteio em breve, e você não quer perder isso.

Ela sentou-se com tal entusiasmo, tão ansiosa para chegar a droga da reunião, que era quase insultuoso.

Assim, ele flexionou os músculos abdominais e esticou-se para tomar um dos seus mamilos gordinhos em sua boca, sugando até que ele teve o suficiente do seu peito delicado para raspar suas presas ao longo da pele macia. Ele provou um pequeno sabor do seu sangue delicioso, rodando sua língua ao redor do seu mamilo. Cyn estremeceu e roçou a sua boceta contra o seu abdômen até que ele podia sentir a saliência dura de seu clitóris inchado. Raphael lambeu preguiçosamente as últimas gotas de sangue de seu peito, em seguida, afastou-se para trás, vendo através dos olhos semicerrados como Cyn dava prazer a ela mesma, balançando-se contra ele, seus peitos fartos balançando, a cabeça jogada para trás, os olhos fechados. Ele mudou o seu aperto de sua bunda para seus seios pesados, pegando-os em suas mãos, manuseando seus mamilos enquanto ela balançava cada vez mais rápido. Ele sentiu a tensão em seus músculos um segundo antes de ela explodir com o orgasmo, ela arqueou as costas, os braços segurando a cabeça enquanto seus gritos enchiam o quarto.

Ela caiu em cima dele, e Raphael sorriu com privada satisfação enquanto acariciava o seu corpo tremendo. Ele pegou o cheiro salgado das suas lágrimas e apertou os braços ao redor dela.

— Outros tentaram, minha Cyn, ele murmurou, — Eles estão muito longe, enquanto eu ainda estou aqui.

— Eu sei. — Sua voz foi abafada contra seu peito. — Mas eu sou egoísta. Eu não me importo sobre o passado, somente pelo presente.

Raphael beijou o topo de sua cabeça. — E agora tenho mais razões do que nunca para me manter vivo, lubimaya. Já vivi quinhentos anos, quero viver mais quinhentos com você. Eu vou destruir esses inimigos, assim como eu destruí os outros.

Ela beliscou-o de lado. — É melhor.

Raphael riu. — Venha, Juro só vai esperar por um tempo.

— Oh besteira, ele vai esperar até que você esteja pronto, e você sabe disso.

Raphael se sentou, levando-a com ele. — Sim, Juro vai esperar. Mas você não vai, por isso vamos tomar banho.

CAPÍTULO 3

Cyn estava calçando as botas quando ouviu um helicóptero perto. Normalmente o som não a teria preocupado. Afinal, Grand Junction era uma grande cidade, mas este helicóptero não passava, ele estava circulando. Ela franziu a testa. Um ataque de cima parecia demasiado óbvio, mesmo para um vampiro, mas... ela calçou a bota e correu para a porta, verificando o carregador da sua Glock 17 enquanto ela saía, desejando uma das MP-5s de um dos guardas. Raphael já se tinha vestido e ido, supostamente atender telefonemas na sala de reuniões.

Ela abriu a porta do quarto e correu pelo corredor, notando que enquanto corria pelos corredores, eles estavam demasiado vazios. Onde estavam os guardas? Ela chegou a sala de reuniões e seu coração caiu. Estava vazio.

Passos apressados chamaram a sua atenção em direção à frente da casa, e ela seguiu o som.

O heliporto ficava perto da casa. Tinha Klemens enviado tropas? Uma força de ataque de vampiros? Ela amaldiçoou por não ter pego o carregador extra para sua Glock, aquele com balas para matar vampiros. Seu foco tinha sido derrubar um helicóptero e não vampiros.

Ela derrapou ao virar da esquina, suas botas escorregando no mármore liso da pequena escada que dava acesso ao grande hall de entrada da casa. Seis metros separavam os cinco degraus das altas portas frontais de vidro. Seu olhar procurou Raphael. Ele estava cercado por seguranças, que estavam em pé nas escadas, logo abaixo dela, esperando. Mas para quê? Ou a quem?

Várias pessoas de repente apareceram, iluminadas pelas luzes dos seguranças que brilhavam na varanda da frente.

Ela notou vários vampiros, e alguns deles estavam fortemente armados. E pela primeira vez, ela notou Juro em pé perto das portas da frente, parecendo alerta, mas não especialmente preocupado. Então, quem estava chegando não era exatamente um amigo, mas também não era um inimigo.

Os recém-chegados entraram no Hall em um redemoinho de movimento. Juro disse algo que ela não conseguiu ouvir, e um dos vampiros se afastou do resto. Ele respondeu a Juro, mas ele não estava olhando para o grande vampiro, ele estava procurando pelo Hall lotado, franzindo a testa até que o seu olhar caiu sobre Raphael. Os olhos dele imediatamente se moveram para cima e para baixo em uma verificação visual rápida, como se verificando algum ferimento, e então ele sorriu no que só podia ser alívio.

Cyn assistiu com espanto quando o vampiro visitante atravessou o Hall e abraçou Raphael como um irmão perdido há muito tempo. Ainda mais surpreendente foi que Raphael devolveu o abraço, com um pouco menos de entusiasmo, talvez, mas definitivamente era um abraço, e ela sentiu uma pontada de ciúmes.

Ela nunca tinha visto Raphael abraçar qualquer pessoa a não ser ela. Nem mesmo Duncan.

— Lucas sempre foi de abraços, — disse uma voz suave por cima de seu ombro.

Ela olhou para trás rapidamente enquanto Jared Lincoln se dirigia para ficar ao lado dela. — Este é Lucas? — Ela perguntou.

Jared assentiu. — A diferença é, eu nunca tinha visto Raphael abraçá-lo de volta. — Ele parou por um momento, então disse. — Você suavizou ele. Você o lembra o que é ser humano.

Cyn se irritou com a sugestão de que ela de alguma forma enfraquecia Raphael, sua raiva não era por ela própria, mas por Raphael. — Eu não sei do que você está falando — ela disse friamente.

Jared inclinou a cabeça em tom de desculpa. — Eu não pretendia ofender, minha senhora. Pelo contrário, Senhor Raphael é muito mais poderoso do que o resto de nós, é difícil para ele se relacionar às vezes. Mas você provavelmente sabe disso. Ele é muito mais fácil com você do que com qualquer um que eu já tenha visto, e eu estou com ele há muito tempo. Você fez dele um Senhor melhor.

— Ele estava muito bem antes de me conhecer.

Jared deu-lhe um olhar interrogativo. — Eu não sou seu inimigo, Cyn. Senhor Raphael é meu Sire. Eu devo a ele mais do que eu jamais poderei pagar, minha vida e minha liberdade. Eu morreria para protegê-lo.

— Mas — ela disse cinicamente.

Ele deu de ombros. — Senhor Raphael tem o amor de todo o seu povo, mas seu povo nem sempre sentia que ele os amava de volta. Protegê-los, sim. Defendê-los contra os inimigos, tanto humanos como vampiros, absolutamente. Não há melhor mestre em todo o mundo. Mas você libertou as suas emoções. Pela primeira vez, seu povo sente o seu amor, bem como a sua lealdade. Eu não só acredito nisso. Eu sei isso.

Cyn não sabia o que dizer sobre isso. Ela não estava certa sobre a afirmação de Jared, não tinha certeza se ela merecia esse tipo de crédito. E, na verdade, todo o assunto era meio que embaraçoso.

— Eles são próximos? — Ela perguntou, mudando de assunto quando ela ergueu o queixo na direção de Raphael e Lucas. Os dois Lordes vampiros já não estavam se abraçando, mas estavam em uma séria discussão um com o outro.

Jared sorriu sabiamente, como se ele tivesse entendido que ela tinha intencionalmente redirecionado sua atenção.

— Eles sempre foram, Lucas veio no barco com Raphael. Ele foi uma das primeiras crianças de Raphael, senão o primeiro. O assunto nunca veio

à tona, e eu nunca perguntei. Você provavelmente já sabe como os vampiros são melindrosos sobre essas coisas.

Cyn assentiu distraidamente, sua atenção focada em Raphael e Lucas. Eles realmente pareciam iguais, estavam vestidos com os mesmos ternos escuros, tão bem ajustados que poderiam ter vindo do mesmo alfaiate. Ela sabia que Raphael mandava fazer sob medida e assumiu que Lucas fazia da mesma forma. Não era fácil ajustar homens de seu tamanho. Suas camisas eram brancas, seus laços de seda, o favorito de Raphael era azul safira, enquanto Lucas usava um chamativo carmesim com um pequeno padrão de ouro. Cyn achou graça quando ela olhou para baixo e descobriu que Lucas usava um par de botas de cowboy pretas altamente polidas com o seu terno.

Ainda assim, era mais do que as suas semelhantes roupas que faziam com que os dos Lordes Vampiros parecerem tanto entre si. Suficientemente parecidos para o observador causal poderia facilmente achar que eles eram irmãos. Lucas era apenas um tom mais escuro do que Raphael e um pouco mais magro e menos musculoso. Mas seus ombros eram tão amplos e seu cabelo tão preto como os de Raphael. Ela não podia ver bem seus olhos, mas seu rosto era certamente bonito. Não tão bonito como Raphael, é claro. Muitos poucos homens eram. Mas Lucas parecia sorrir com mais facilidade. Ele era como o despreocupado irmão mais novo e Raphael o irmão mais velho que estava no comando. Não fosse o fato de que ambos pareciam estar em seus vinte e tantos, ela poderia estar assistindo a um pai e seu filho. Isso era o que demonstrava os sinais de sua linguagem corporal, e se Raphael fosse o Sire de Lucas, o que também seria mais exato.

Ciúmes se enrolaram em sua barriga novamente, muito para seu desgosto. Ela estava tão insegura que não podia deixar Raphael amar mais ninguém a não ser ela? Que ridículo.

— Lucas poderia ter ligado, — Jared murmurou — mas com esta guerra, ele precisava ver por si mesmo que Raphael não se machucou.

— O que a guerra tem a ver com isso?

Jared levantou um ombro com desdém. — Lucas é muito poderoso, mas sua guerra tem andando na borda fina da violência no momento. E ele está acompanhando mil coisas ao mesmo tempo. Se tivessem conseguido matar Raphael esta manhã, Lucas teria sentido como uma faca em seu coração. E desde que ele estava fisicamente tão perto, seu rancho fica a pouco mais de seiscentas milhas daqui, um voo curto em um jato particular, uma conversa por telefone não o iria acalmar. Ele precisava vir aqui e ver por si mesmo.

— Eu não entendo. Sei que Raphael é próximo ao seu povo, mas Lucas tem o seu próprio território e pessoas. Ele não estaria ligado a Raphael da mesma forma como os outros estão.

— Não da mesma maneira, não. E você está certa. Muitas vezes a ligação entre Sire e vampiro criado enfraquece uma vez que o vampiro segue o seu próprio caminho. Pode haver um carinho persistente, mas nada mais do que isso exceto sob circunstâncias extremas. Mas geralmente não é assim, e especialmente não quando vampiros poderosos estão envolvidos. Lucas domina o seu próprio território, mas sua ligação com Raphael é tão forte como sempre. A lealdade para com Raphael é profunda, Cyn, e falo por conhecimento pessoal sobre esse ponto.

— E quanto a Duncan? Porque ele não ligou pelo menos?

Jared sorriu suavemente. — Duncan e eu estávamos ao telefone quando aconteceu. Ele não iria desligar até que eu, pessoalmente, colocasse os olhos no Lorde Raphael e informasse que ele não se machucou. E quando eu voltei ao telefone, ele estava preparando o seu jato, apenas no caso.

Cyn estudou Jared silenciosamente. Ela tinha estado tão concentrada de que Duncan era insubstituível que, talvez, ela não tinha dado a Jared uma oportunidade justa. Raphael havia dito que não aceitaria Jared para seu tenente, se Cyn se opusesse, mas que direito ela tinha de se opor? E daí

se ele não era Duncan? Ninguém era, e Raphael precisava de um tenente que ele confiasse.

— Eu sei que as equipes saíram hoje à noite, procurando o atirador, ou pelo menos a sua localização. Será que eles acharam alguma coisa? — perguntou ela.

— Não muito, está muito escuro lá fora para ver, mesmo para a visão dos vampiros. Steve Sipes está enviando uma equipe à primeira hora da manhã, espero que eles consigam encontrar alguma coisa.

Cyn assentiu. — Eu vou com eles. Vi o vale durante o dia e tenho uma boa ideia onde o atirador se estabeleceu.

Jared suspirou. — Juro me disse que eu não seria capaz de mantê-la longe disto. Ele também disse que você é boa no que faz, por isso, nós podemos muito bem unir forças.

Cyn deu de ombros. — Funciona para mim. — ela encontrou diretamente o seu olhar escuro. — Eu vou jogar limpo se você também jogar.

Ele sorriu, um flash de dentes brancos contra a pele escura. — Nós dois queremos a mesma coisa, Cyn.

— Eu quero a cabeça deste assassino em uma vara, juntamente com a do cara que o contratou. E você?

Jared riu, então disse. — Juro também disse que você era sanguinária. Me avisou para não ser enganado pela sua aparência.

— Juro é um vampiro sábio. Então, nós temos um acordo?

— Combinado.

Cyn começou a falar novamente, mas parou quando Raphael se virou para ela e estendeu a mão.

— Lubimaya. — Ele não se moveu através da sala, mas sua voz sussurrou em seu ouvido como se ele estivesse de pé ao lado dela. Ela sorriu

com a sensação. Ele poderia facilmente ter chamado o nome dela em voz alta, mas isso foi muito mais íntimo. Ela pegou as poucas escadas rapidamente e se juntou aos dois vampiros, pegando a mão estendida de Raphael e deixando-o puxá-la contra o seu lado.

— Minha companheira — disse ele para Lucas. — Cynthia Leighton. E este é Lucas, minha Cyn. Nós falamos dele mais cedo.

— Lucas — disse ela, oferecendo-lhe a mão.

Os olhos de Lucas se ampliaram de apreciação enquanto seu olhar viajou por toda a extensão do corpo de Cyn e subiram novamente. Ela teria ficado insultada, mas ela viu o brilho nos olhos dele e sabia que o gesto era mais para provocar Raphael do que a ela. Ele pegou a mão dela e a teria puxado para um abraço, mas Cyn lembrou o aviso de Jared e estava pronta para o movimento. Ela moveu um pé ligeiramente para trás e colocou todo o seu peso sobre ele. Lucas, surpreso com a resistência súbita, pegou a mão dela, mas nada mais. Ele poderia tê-la puxado para seus braços de qualquer maneira, afinal ele era um vampiro. Mas isso teria passado dos limites em vigor, e enquanto Cyn entendia que ele estava jogando um jogo, com Raphael fixado como alvo, ela também sabia que ele não pressionaria demais. Raphael pode ter uma relação especial com Lucas, mas sua paciência era limitada, especialmente quando se tratava de sua companheira.

Lucas apenas riu e pegou a mão de Cyn em um aperto carinhoso, levando-a aos seus lábios para um beijo suave.

— Tanta beleza. Os rumores não lhe fazem justiça, Cynthia — ele ronronou, com um sotaque de suas raízes irlandesas, discreto, mas definitivamente lá. — Mas então, ouvi dizer que você prefere ser chamada de 'Cyn'.

A maneira como ele disse o nome dela a fez lembrar de Raphael quando eles se conheceram. Ele pronunciava exatamente com o mesmo sombreamento sensual, como se falasse do pecado, em vez de simplesmente dizer o seu apelido.

E o pecado que ele tinha em mente não era exatamente o que era falado na igreja ao domingo, também.

Ela encontrou o seu olhar ardente e riu com diversão. Lucas franziu as sobrancelhas brevemente, mas deu-lhe um bem-humorado sorriso. — Eu tinha que tentar — explicou ele, de repente, todo bem animado. — Tenho que manter o velho na ponta dos pés.

— Pratique sua sedução em outros lugares, Lucas. — Raphael falou de ânimo leve, mas houve uma clara sugestão de ameaça, e ele apertou seu abraço em Cyn, movendo-a sutilmente longe do outro Lorde Vampiro.

Lucas inclinou-se graciosamente. — Minhas desculpas, Sire — disse ele, sua voz ainda contendo o riso. Em seguida ele se endireitou, e, como se um interruptor tivesse sido ligado, ele ficou mais uma vez um muito sério e poderoso Lorde Vampiro. — Precisamos conversar, meu senhor. Eu não tenho muito tempo.

Raphael inclinou a cabeça em concordância e se virou para Cyn. — Lubimaya — ele começou, mas Cyn o interrompeu.

— Sim, sim, eu sei. Negócios de vampiros super secretos. Tudo bem. Tenho os meus próprios negócios.

— Cyn — disse Raphael, seu tom ameaçador fazendo do seu nome um aviso.

— Raphael — respondeu ela, combinando seu tom irônico. — Não se preocupe tanto. Eu estou em casa, cercada por seguranças. Eu só vou fazer algumas chamadas, fazer alguma pesquisa. Relaxe.

Cyn olhou por cima e notou Lucas observando a sua interação com uma atenção ávida, sua expressão positivamente alegre. Cyn fez uma careta para ele e estendeu a mão para acariciar o rosto de Raphael, alisando as linhas de expressão na testa, em seguida, colocou-a em sua bochecha. — Eu vou ficar bem. Eu prometo.

Raphael pegou a sua mão e esfregou o polegar sobre o local onde Lucas a tinha beijado, como se para esfregar o outro vampiro. Mas que, aparentemente não era o suficiente porque ele também levou a mão a boca e beijou exatamente no mesmo local. — Eu não vou demorar — ele murmurou, então fez sinal a Juro.

Todos os vampiros se moveram ao mesmo tempo, como um mini-tornado de segurança, subindo as escadas para as profundezas da casa grande, com Raphael e Lucas no centro da tempestade. Cyn observou-os ir e balançou a cabeça, era ridículo ter tanta segurança caminhando pelo corredor, especialmente dentro da casa. Mas os vampiros tinham uma necessidade instintiva de proteger o seu mestre, e mesmo que Lucas fosse um amigo, ele trouxe seus próprios guarda-costas com ele, e eles eram decididamente estranhos. O que significava que a equipe de Raphael teve de responder na mesma moeda e, assim, um exagero de segurança.

Felizmente, os vampiros não tinham esse tipo de lealdade para com ela. Ela fez o seu caminho pelo corredor sozinha, indo em direção oposta a multidão. Sua mente estava em quem ela podia ligar, e mais importante, como ela poderia ficar algumas horas sozinha amanhã para fazer alguma investigação, quando ela bateu em uma enorme montanha de carne.

— Cyn querida! — Robbie estava sorrindo para ela, completamente relaxado, as mãos nos seus quadris.

Cyn fez uma careta para ele, se perguntando de onde ele viera.

— Ouvi dizer que nós vamos para uma aventura amanhã — disse Robbie, dando-lhe uma piscadela conhecedora.

— Onde você ouviu isso? — Perguntou ela a contragosto.

— Steve Sipes, e ele ouviu de Jared. Você não acha que você poderia esconder isso de Raphael pois não? Ele te conhece melhor do que isso. Inferno, todos conhecemos.

Cyn não gostava de ser o tema de conversa no quartel. Mesmo que eles não estivessem na verdade em um quartel. Mas ela especialmente não gostava que eles estivessem certos. Malditos sejam.

— Eu vou apenas fazer alguns telefonemas — disse ela irritada, passando por Robbie.

— Ótimo! Eu não tive o meu café ainda.

— O que faz você pensar que está convidado?

Robbie aproximou-se e pegou-a como se ela não pesasse nada, esmagando-a contra ele em um abraço. Ele era o único, além de Raphael, que lhe mostrava tanto afeto. O único que ousava.

— Porque você me ama, baby. Admita.

Cyn sorriu finalmente. — Bem, vou dar-lhe o café. — Ela olhou para o ex-Ranger do Exército especulativamente. — E pensando nisso, você pode ser capaz de me ajudar. Preciso saber sobre atiradores.

— Sim — disse Robbie melancolicamente. — Eu meio que percebi isso.

*** *** ***

Lucas caminhou para a sala de reuniões à frente de Raphael, arrancando a gravata aberta antes de ter colocado os dois pés dentro da porta.

— Eu odeio essas coisas — disse ele, tirando a gravata e empurrando-a no bolso. — Não sei como você consegue usá-las o tempo todo.

— É uma questão de disciplina — Raphael respondeu, deixando o seu tom dizer o que suas palavras não fizeram. Que Lucas estava muito em falta nesse departamento.

Lucas sorriu impertinente enquanto ele caiu em uma das cadeiras de couro. — Eu sou disciplinado quando é preciso, meu senhor.

— Um pouco mais de disciplina era necessário para esta noite, Lucas. Esta visita foi indiscreta. Quando ele ouvir falar nela, Klemens terá, sem dúvida, certeza quanto à nossa associação.

— Com todo o respeito, meu senhor... foda-se Klemens. O covarde nem sequer tem a coragem de atirar em você ele mesmo. Contrata um maldito ser humano para fazê-lo, e de longe.

— No entanto, Klemens vai agora ver-nos como uma frente unida.

— Bom, espero que ele se engasgue com isso. Deixe-o pensar que nós nos juntamos por causa desta pequena armadilha assassina dele.

Raphael recostou-se na cadeira com um pequeno sorriso. Ele não aprovava a espontânea visita de Lucas hoje à noite, mas não o tinha surpreendido. Raphael criou muitos vampiros. Mais do que podia contar facilmente, embora ele poderia recordar cada um dos seus nomes quando ele precisava, e ele nunca se esqueceu de um rosto. Mas de todas as suas criações, ele era gostava particularmente de Lucas. Ele sempre tinha. Alguns poderão argumentar que era uma fraqueza, mas ele teria discordado. Seu amor por Lucas não era mais uma fraqueza do que o seu amor por Cyn, e ele não amava ninguém na terra tanto quanto sua Cyn.

Havia uma vitalidade em Lucas, uma alegria de viver, que o fazia brilhar um pouco mais do que aqueles ao redor dele. Era o que tinha atraído Raphael a ele todos aqueles anos atrás, quando Lucas não tinha sido nada mais do que um ladrão de rua mercenário que tinha se atrevido a escolher o bolso de um lorde vampiro.

Raphael tinha visto algo no jovem bandido imundo. Ele tinha visto um futuro lorde vampiro.

E ele estava correto, Lucas era um líder natural. Os humanos chamariam a isso de carisma. Raphael chamou de confiança e coragem.

Uma vez que Lucas fez uma decisão, ele agiu, não se importando com o que os outros pensavam. Ser forçado a esperar e não fazer nada enquanto Klemens roubava ao longo da fronteira comum tinha esticado a paciência de Lucas ao ponto de ruptura. E a tentativa de assassinato de hoje à noite havia derrubado esse ponto e além. Não havia como segurá-lo. Não depois disso.

Lucas endireitou-se da sua má postura e inclinou-se de forma séria sobre a mesa. — Ouvi que Juro ficou ferido, e ele parecia um pouco rígido lá fora. Ele está bem?

— Seu braço esquerdo foi quebrado pela bala — confirmou Raphael. — Ela passou direito por ele e foi dentro da casa. Felizmente, ninguém estava de pé em seu caminho, e alojou-se na lareira de pedra.

— Sorte das duas vezes. Se a bala for recuperada, ela pode-nos dizer muito.

— Sim, Cyn informou-me, — Raphael concordou.

Todo o rosto de Lucas se iluminou. Raphael deu-lhe um olhar fixo, mas não o deteve.

— Ah, sim — disse Lucas especulativamente. — A bela Cynthia. Presumo que ela vai estar conduzindo as investigações. As suas capacidades são bem conhecidas nesta área. Claro, que isso significa que eu e ela vamos trabalhar bastante juntos nos próximos dias.

— Lucas. — Raphael não disse nada mais a não ser o nome dele, mas foi o suficiente. Lucas sorriu, mas ele recuou, se afundando mais em sua cadeira e abaixando a cabeça em uma ligeira curva de reconhecimento mas nada fez para acabar com o brilho de malícia nos olhos.

— Estamos investigando — disse Raphael, voltando ao tema em questão. — Minha Cyn vai fazer investigações, e Juro tem o seu povo procurando nas encostas, embora me disseram que talvez tenhamos de

esperar por amanhã antes que a pesquisa específica se transforme em alguma coisa útil.

Lucas olhou para cima e encontrou o olhar direto de Raphael. — Vamos partilhar as informações, meu senhor. Mas o assassino é meu.

— O meu povo irá contestar isso, — Raphael respondeu uniformemente. — Eles estão tão ansiosos quanto você para a retribuição. O ataque foi contra mim, no meu território e nas suas vigílias.

— Mas o vampiro que o contratou pertence a mim.

Raphael inclinou a sua cabeça com curiosidade. — Você não acha que foi Klemens?

— Klemens está por trás disso, eu não tenho nenhuma dúvida a esse respeito. Mas eu conheço o bastardo. Ele nunca iria contratar um assassino humano pessoalmente. Ele enviou a palavra para baixo da linha. Alguém mais baixo na cadeia alimentar fez o trabalho sujo por ele, encontrou o humano e contratou-o para o trabalho. Isso não vai o salvar, no entanto. Eu não importo se ele estava apenas cumprindo ordens. Seja qual for o vampiro que contratou o humano irá morrer por isso, assim como Klemens. — Lucas inclinou-se ainda mais perto e disse, — Deixe-me fazer isso, Sire. O seu pessoal pode ter o humano, mas eu quero o vampiro que o contratou. Ele está provavelmente escondido no meu território ou no de Klemens.

Raphael assentiu com a cabeça. Afinal, Lucas estava agora em guerra porque ele respeitou o que Raphael estava tentando fazer. Alguns des seus vampiros certamente morrerão antes que acabe, talvez até mesmo Lucas. Embora se Raphael não acreditasse que Lucas poderia derrotar Kemens, ele teria sido o primeiro a falar com ele sobre lutar esta guerra. Raphael tinha perdido muitos dos seus filhos recentemente. Ele não precisava adicionar mais a essa lista.

Mas se Lucas estava assumindo os riscos, ele merecia um pouco de respeito também. E o mais importante para Lucas, era ser ele a destruir o

vampiro que tinha ido atrás de Raphael. Que a morte, e as mortes que certamente iriam acompanhar isso, iriam enviar uma mensagem para Klemens, se Lucas e Raphael eram aliados antes da tentativa de assassinato, ou não, eles eram agora. E faria Klemens dormir um pouco menos profundamente por saber isso.

Ao mesmo tempo, Raphael sabia que Cyn ficaria bastante infeliz com este arranjo. Seu companheiro tinha sido atacado, e ela queria sangue. Ela poderia muito bem ter sido uma vampira por toda a sua possessividade quando se tratava dele. Raphael era dela, e ela não perdoava quem tentava prejudicá-lo. E ele era bastante vaidoso com essa ideia agradável.

— Klemens e o vampiro são seus — confirmou Raphael. — Mas o assassino humano é meu.

— Feito — disse Lucas imediatamente.

— Sim — Raphael falou lentamente com diversão. — Agora nós temos apenas que descobrir quem fez isso e provar que Klemens estava por trás disso.

— Eu não preciso de provas contra Klemens. Ele morre de qualquer forma.

— É verdade... — Raphael fez uma pausa quando o celular dele tocou. A identificação de chamada lhe disse que era Juro quem estava ligando, embora ele não precisava do telefone para lhe dizer isso. Ele apertou na tecla para atender, — Juro — disse ele.

— Meu senhor, — Juro começou. — Nós recuperamos a bala.

— Excelente. Você já desceu com segurança?

— Sim, meu senhor.

— Lucas e eu estaremos aí em breve. Peça a Cyn para se juntar a nós, por favor.

Lucas olhou com expectativa, fingindo não ter ouvido cada palavra da conversa. Ou ele poderia realmente ter sido educado o suficiente para não ter ouvido a conversa. Muito provavelmente, a primeira.

Afinal, este era Lucas.

— Venha. Juro tem algumas informações para nós.

*** *** ***

— Você já ligou para Murhpy? — Foi a primeira pergunta que Robbie fez a Cyn, uma vez que tinham deixado os vampiros para trás e se dirigido para o quarto principal da suíte, onde ela tinha o seu laptop configurado em uma mesa pequena embutida.

— A primeira coisa que fiz — assegurou ela. — Na verdade... — Ela olhou para o relógio. — Mais meia hora e eu vou ligar outra vez. — Ela se sentou na cadeira e balançou para trás, puxando o laptop no colo.

— Diga-me tudo o que sabe sobre atiradores — ela disse a ele e ergueu os dedos, pronta para digitar.

Robbie lhe deu um olhar confuso.

— O quê? — Ela perguntou.

— Cyn querida, eu sei muito sobre atiradores. Além disso, eu não tenho a certeza se você esta realmente lidando com um atirador.

— Quem mais poderia ser? Quando localizarmos o esconderijo do atirador na parte da manhã, e nós vamos, eu aposto que ele vai estar a pelo menos seiscentos e quarenta metros de distância.

— Querida, com as armas que temos agora, um monte de gente poderia fazer esse tiro. Além disso, a maior parte dos atiradores que conheço

nunca teriam se tornado assassinos contratados. Quando os seus serviços terminaram, eles foram para casa com as suas esposas e crianças. Eles não começaram a matar pessoas por dinheiro.

— Rob — Cyn disse pacientemente. — Eu não estou culpando os atiradores em geral, eu só quero o cara que fez isso.

— Sim, tudo bem. Eu sei que você está certa. É só que existem tantos filmes que não o fazem direito.

Cyn bufou. — Fale-me sobre isso. Olhe o que eles fazem com os vampiros.

Rob bufou uma risada. — Ponto feito. Ok. Em primeiro lugar, eu ouvi que temos uma bala. Isso é verdade?

— Sim, temos uma. Deixe-me ligar para Juro... ops, falando no diabo — disse quando seu telefone tocou.

— Olá — ela respondeu, então, depois de ouvir por um minuto, — Nós estaremos lá.

Cyn desligou, em seguida, fechou o laptop e se levantou. — Juro tem algumas informações para nós. — Ela esfregou as mãos alegremente. — Reunião importante lá em baixo na sala secreta!

Robbie revirou os olhos. — As coisas que fazem você feliz — disse ele, balançando a cabeça. — Você é uma garota estranha.

— Sim, mas você me ama. Venha, eu vou ligar para Murphy mais tarde.

*** *** ***

Raphael olhou no momento antes de Cyn aparecer na porta do Centro de Segurança, satisfeito por ver Robbie bem atrás dela. Ele ordenou que o guarda-costas humano ficasse ao seu lado, sabendo que ele era um dos poucos que Cyn não tentaria fugir mais. Raphael estava sentado no lado extremo da mesa de reuniões, que estava presa em uma sala cheia de vários tipos de equipamentos. Os computadores e estações de controle que formavam um moderno sistema de segurança que atualmente fazia a maior parte. Cada polegada do perímetro da casa estava sob vídeo vigilância vinte e quatro horas por dia, e havia medidas de segurança separadas em cada uma das três áreas de dormir durante o dia na propriedade. Durante o dia, os humanos estavam encarregados do gabinete de segurança, que estava em uma ala separada das três áreas de dormir. Mas esta noite, e todas as noites que Raphael estava na residência, o gabinete de segurança era ocupado por sua equipe de segurança pessoal.

Juro sentou-se na extremidade da longa mesa de reuniões, que foi empurrada para um canto. No outro canto estava o arsenal, cercando o resto da sala e com medidas de segurança próprias.

Raphael puxou a cadeira ao lado dele enquanto Cyn manobrava em torno da mesa. Ela sorriu e colocou a mão em seu ombro numa carícia, inclinando-se para um beijo antes de se sentar. Robbie pegou a cadeira do outro lado dela. Lucas tinha se sentando diretamente em frente deles, junto com seu tenente, Nicholas, que tinha juntado-se a eles para esta reunião, com a autorização de Raphael. Se Lucas ia atrás de Klemens e do seu cúmplice, Nicholas precisava ser também informado como Lucas foi.

Nesse mesmo sentido, Jared se sentou na outra ponta da mesa ao lado de onde Juro agora começava a reunião.

— Sire — disse Juro, inclinando a cabeça na direção de Raphael. — Meu senhor — ele acrescentou, com um duvidoso olhar para Lucas que apenas sorriu. A hostilidade entre Juro e Lucas era tão velha como era mutuamente respeitosa.

— Nós recuperamos a bala da lareira — Juro continuou, — ou, mais precisamente, da parede acima da lareira que, felizmente, foi construída de pedra e, portanto, prendeu a bala com bastante eficácia. Acreditamos que este foi o segundo dos dois tiros disparados pelo assassino. Nós ainda estamos procurando a outra, embora, pelo que podemos dizer agora, parece ter sido desviada para o deserto. No entanto, como podemos verificar, a bala que se recuperou nos diz tudo o que poderíamos esperar para recolher a partir dela. É pouco provável que a primeira bala poderia nos dar algo mais do que a que temos.

Próximo a ele, Raphael viu Cyn piscar em surpresa. Ela nunca tinha ouvido Juro dar um relatório completo antes, e Raphael reprimiu um sorriso com a reação dela. Não era que Juro não pudesse falar, ele simplesmente escolheu não fazer até que seja necessário. Como agora.

— Isto — ele ergueu um pequeno saco de plástico que continha um pouco de metal distorcido que era a bala recuperada, — é uma bala de calibre cinquenta, capaz de fazer uma quantidade tremenda de danos. Eu não tenho dúvidas de que um tiro direto na cabeça ou no coração com esta munição em particular iria matar até mesmo um vampiro. É também verdade que uma arma capaz de disparar essa bala não é silenciosa. E ao ar livre, neste ar seco, seria quase impossível ocultar o som do atirador, não importa quanto tempo ele teve para trabalhar nisso. Certamente, não sem, pelo menos, a nossa segurança diurna perceber que alguém estava construindo um abrigo acústico na encosta. Steven Sipes — ele acenou com a cabeça na direção de Sipes, — me assegura que seus guardas diurnos verificam regularmente as encostas circundantes com binóculos à procura de alguma atividade incomum.

— No momento do tiroteio, tínhamos ambos, humanos e vampiros, no telhado e em toda a propriedade. O pôr do sol tinha sido à uma hora atrás, e a mudança de turno ainda estava em andamento. A maioria dos guardas ouviram ambos os tiros. Três guardas na parte de trás da casa, que é onde os tiros se originaram, viram o clarão do segundo tiro, o que nos permitiu

localizar o local do atirador bastante rápido, mas não rápido o suficiente. Ele tinha um veículo à espera do outro lado da colina. A primeira coisa na parte da manhã que Sipes irá fazer é enviar uma equipe de investigadores para fazer uma busca completa, para confirmar a localização e o fato de que ele era humano. Estamos explorando diversos caminhos de investigação em relação a atiradores, possivelmente, ex-militares, dada a dificuldade do tiro.

Lucas interrompeu dizendo, — Eu não acho que você deve restringir a pesquisa a atiradores ex-militares. Eu nem tenho a certeza que você deve estar procurando por um determinado franco-atirador. Afinal isto é Colorado. Inferno, eu moro mesmo ao lado em Dakota Sul, e todo o mundo lá tem uma arma. Homens, mulheres e até crianças. Esse tiro foi a meia milha com uma linha clara de visão.

— Isso é o que eu estava dizendo. — Robbie murmurou.

Juro franziu a testa, mas ouvia atentamente o raciocínio de Lucas.

— Uma Remington 700 bem afinada com um alcance decente poderia fazer esse tiro. Continuou Lucas. — E dessas existem muitas por aqui. Inferno, eu tenho várias em meu arsenal no rancho, e eu tenho vampiros na minha própria equipe que conseguem usá-las, bem como qualquer atirador treinado pelo Governo.

— Eu não tinha ideia que o seu conhecimento de armas fosse tão extenso, Lucas — Raphael comentou secamente.

Lucas lhe deu um sorriso torto. — Dakota do Sul é o meu território, meu senhor. Eu conheço o meu povo, humanos e vampiros. Mas Juro sabe que tudo isso é besteira, também. Ele está apenas me deixando falar, porque ele é do tipo forte e silencioso.

— Que ninguém nunca o acusou de ser — Juro replicou friamente.

Mas Lucas apenas riu. — É verdade, mas isso não invalida o meu ponto. O único erro do atirador foi não entender plenamente o seu alvo. Ele não conhece os vampiros, e não esperava que Raphael reagisse tão

rapidamente como ele fez. Mas isso só me diz que ele era um ser humano. Concordo em muito com Juro e sua adorável Cyn.

— Oh, alegria — Cyn resmunga.

— Meu ponto é, — Lucas continuou, imperturbável pelo sarcasmo dela, — ele definitivamente é um humano. E quem o contratou estou bastante certo de que é um vampiro, ele não precisava nem ter um intermediário para fazê-lo. Ele poderia ter apenas procurado em torno de um clube de armas ou de campo de tiro até que encontrasse um cara que tinha as habilidades e as armas. Ele prepara um momento privado, *et voila*, nosso vampiro aliciador está dentro da cabeça do cara. Talvez ele descobre um ódio particular por vampiros, ou talvez o cara simplesmente esteja sem dinheiro. Ou, hey, talvez ele apenas seja um sociopata escondido que sempre quis muito caçar no grande jogo.

Cyn endureceu de indignação ao lado de Raphael. Ela aparentemente não gostava que ninguém se referisse a ele como um animal de caça, grande ou não. Mas ele sabia que Lucas não pretendia insultar e colocou uma mão calmante sobre o braço dela, enquanto ele se sentou e considerou tudo o que tinha ouvido. Estavam todos olhando para ele, esperando por ele para decidir o que fazer a seguir. Mesmo Lucas.

— Nós vamos para casa — disse ele finalmente.

— Raphael, não! — Cyn protestou imediatamente. — Esse cara não vai parar só porque você vai deixar o Colorado!

— Eu tenho que concordar com ela, meu senhor — disse Robbie suavemente. — Ele agora tem dois vampiros irritados bem atrás dele. Um deles como é óbvio é você, mas também tem o vampiro que o contratou, e que provavelmente pagou pelo menos uma parte dos seus honorários antecipados. O humano vai estar desesperado para terminar o trabalho antes que alguém acabe com ele.

— Precisamente — Raphael concordou.

Cyn olhou para ele confusa por um momento, em seguida, seu belo rosto se iluminou com entendimento.

— Próprio território — ela sussurrou.

Raphael assentiu. — Se eu vou ser um alvo, será nos meus termos.

— Sim! — Cyn concordou.

— Sim — Lucas arrastou. — E Raphael é um alvo bastante grande.

Cyn virou para ele furiosamente. — Não se atreva a sugerir que estou arriscando...

— Calma, minha Cyn — disse Raphael, colocando uma mão sobre o punho enrolado e alisando os seus dedos. — Lucas está apenas sendo ele mesmo.

— Deus nos salve, — Jared murmurou, com um sorriso na direção de Lucas.

Lucas lançou a Jared um olhar estreito, mas voltou-se para Cyn, colocando uma mão sobre o coração.

— Desculpe, minha senhora, mas você interpretou mal a minha preocupação. Não se tratava de desrespeitar sua preocupação pela segurança de Raphael, mas sim a disposição de Raphael para se tornar um alvo — disse ele, explicando a suas palavras enquanto desviava os olhos para Raphael. — Isso é prudente, meu senhor?

— Não é nada prudente — insistiu ela, com um olhar furioso na direção de Raphael. — E não acredito que algum de vocês vai considerar uma medida tão drástica como essa no início do jogo. Nós nem mesmo temos o esconderijo do atirador ainda. Ele teve que sair às pressas, o que significa que há uma boa chance de ele deixar alguma coisa para trás, algo que nos pode ajudar a identificá-lo, no mínimo. Mas Raphael está certo sobre uma coisa.

— Estou satisfeito por você pensar assim — disse Raphael suavemente. Lucas sorriu.

— L.A é a minha própria casa, também — Cyn continuou, ignorando-o. — Eu tenho contatos na polícia, e se conseguirmos pelo menos uma identificação parcial, posso encontrá-lo através dos canais secretos. Podemos ser capazes de o apanhar antes dele ter uma oportunidade de tentar novamente. E mesmo se não conseguirmos, ainda posso fazer muito mais lá do que aqui.

— De fato — disse Raphael, — mas eu quero ser claro sobre uma coisa, minha Cyn. Nós o apanhamos. Eu não quero que a polícia humana chegue a ele primeiro.

Ela assentiu tristemente, entendendo as suas razões sem ter que ser ditas. Eles queriam acesso ilimitado ao atirador. Eles precisavam questioná-lo, descobrir quem o pagou, que ordens ele tinha. E eles não queriam ser sobrecarregados por avisos de Miranda e advogados de defesa. Porque no final isso não importava. Raphael iria fazer com que o homem nunca matasse novamente.

*** *** ***

Raphael saiu com Lucas. Seus seguranças estavam fazendo tudo, menos bloquear fisicamente seu caminho para evitar que ele ficasse mais perto das portas da frente de vidro, por isso ele teve pena deles e parou no meio do saguão de mármore.

— Por favor, não faça nada tolo, Sire — disse Lucas em um raro momento de seriedade. — Você pode ser mais resistente do que o resto de nós, mas você pode ser morto. O que iria arruinar completamente o meu dia — ele acrescentou, voltando para sua habitual zombaria.

Raphael deu-lhe um olhar calmo. — Não tenho planos para morrer, Lucas, minha Cyn iria me matar — ele disse inexpressivo, embora deixasse Lucas ver um sorriso brincando em seus lábios.

Lucas riu na hora. — Ou pelo menos ela chutaria a poeira ao redor, hein, Sire? Ela é uma durona.

— Sim — Raphael disse lentamente. — Mas ela é a minha durona. Não se esqueça disso.

— Como se eu pudesse. Cuide-se, meu senhor. E vamos nos ver em breve.

— Adeus, Lucas.

Raphael observou os seguranças de Lucas assumirem, cercando-o até que ele estava quase invisível, indistinguível na confusão dos corpos de vampiros. Raphael poderia ter sido o primeiro alvo do assassino, mas isso não significava que ele era o único alvo. Jared deu um passo ao lado de Raphael, esperando silenciosamente.

— Você verificou o local em L. A.? — Raphael perguntou calmamente.

Jared assentiu. — Um evento de caridade, meu senhor. Próxima sexta-feira à noite. Perfil muito alto, mas em uma localização pública. A segurança será pesada, mas o local é quase impossível de selar. Nosso garoto não deve ter nenhuma dificuldade.

— Faça.

— As suas ordens, meu senhor.

— Diga-me Jared, agora que chegou o momento de deixar Colorado, você se arrepende de sua decisão de juntar-se a mim em Malibu?

— Nunca, meu senhor, será uma honra servir ao seu lado.

Raphael sorriu para si mesmo, satisfeito com a resposta de Jared, embora ele não esperasse nada menos.

Ele tinha tido sorte com seus filhos. Ouviu a voz de Cyn pelo corredor e seu sorriso se alargou.

E ainda mais sorte com sua companheira. Virou-se quando ela se aproximou, subindo os degraus de mármore do saguão para encontrá-la no topo.

— Eu estive procurando por você — ela ronronou, se aproximando e deslizando o braço em volta de sua cintura. — Está quase amanhecendo, garoto vampiro.

Raphael inclinou a cabeça para o seu rosto virado para cima e a beijou. Faltava ainda uma boa hora até ao nascer do Sol, o que Cyn certamente sabia. Ele afastou a boca da dela, e ela lambeu os lábios como se estivesse saboreando o gosto dele.

— Muito bem, minha Cyn — ele murmurou. — Jared — ele chamou por cima do ombro enquanto ele e Cyn andaram pelo corredor até seus aposentos privados. — Nós partimos amanhã ao pôr do sol. Durma bem.

*** *** ***

Cyn estava esperando atrás dele enquanto Raphael fechava e trancava a porta. Ele se virou abraçando-a, os braços dela rodearam seu pescoço enquanto ela olhava para ele solenemente.

— Prometa-me, Raphael, — disse ela, seus olhos verdes estavam claros e sérios como ele nunca tinha visto. — Prometa que não vai correr nenhum risco estúpido com esta coisa. Vamos encontrar esse cara. Você não precisa se colocar em risco, com um alvo nas suas costas.

Raphael imaginou-se com um alvo fixado na parte de trás do seu paletó. Seu alfaiate ficaria chocado. Ele deslizou seus braços ao redor da

cintura de Cyn e puxando-a para mais perto, maravilhado com o quão perfeito seus copos se encaixavam, duas partes de um todo.

— Eu não tenho nenhuma intenção de ficar parado e deixar que algum bandido humano me use para a tiro ao alvo, minha Cyn.

Ela levantou-se na ponta dos pés e mordeu seu queixo. — Isso não é uma promessa, garoto vampiro, e não pense que eu não sei a diferença. Mas eu vou ficar com isso por agora, mas só porque eu vou estar de olho em você.

— Só olhando, lubimaya? — ele perguntou, tirando o paletó e jogá-lo em uma cadeira próxima.

Ela riu e beijou o lugar que tinha mordido. — Se nós estamos indo embora amanhã, eu acho que nós temos que arrumar as malas, hein?

Raphael pegou-a em seus braços e atravessou a sala. — Você pode arrumar de manhã, — ele rosnou e, colocando um joelho no colchão, deixou cair a ambos na grande cama. Ele estendido em cima dela, ainda totalmente vestido, e começou a saboreá-la, mordiscando seu pescoço, lambendo ao longo de sua bochecha, um beijo que quase a desfez. Ele levantou a cabeça e encontrou-a olhando para ele, seus olhos já não estavam claros, mas sim nebulosos com desejo.

— Eu te amo, minha Cyn.

— Também te amo, meu Raphael. Então, por que ainda estamos vestindo tantas roupas?

Ele riu. — Insaciável, como sempre. Felizmente, — ele flexionou os quadris contra ela, deixando-a sentir o cume de sua excitação. — estou à altura da tarefa — acrescentou presunçosamente.

— Falar é fácil.... Meu senhor.

Raphael rosnou e baixou a cabeça para morder o seu pescoço um pouco mais duro. Não rompendo a pele, ainda não, mas deixando-a sentir a

ponta afiada de suas presas. O coração de Cyn bateu mais rápido contra seu peito, os braços apertando instintivamente em torno dele.

— Raphael — ela suspirou.

Raphael se levantou rapidamente e tirou o resto de suas roupas, olhando avidamente enquanto Cyn puxava o suéter sobre a sua cabeça antes de deslizar as calças e as calcinhas pelas pernas e jogá-las para o lado. O sutiã foi o último, uma peça delicada de seda bege que era uma papel de embrulho bonito afastando a verdadeira beleza de seus seios quando eles caíam soltos, atraindo sua atenção como um imã para o norte.

Assim que ela deslizou o sutiã para baixo dos braços, Raphael estava sobre ela, impulsionado pela necessidade de provar cada polegada de sua pele macia e dourada. Ele começou no pescoço e moveu-se para baixo, beijando um elegante ombro, mordendo sua clavícula frágil. Ele rosnou quando ela agarrou o seu cabelo, tentando empurrá-lo ainda mais para baixo, e depois sorriu privadamente quando ele resistiu, e ela gritou em frustração. Ele demorou-se em seus ombros, mais tempo do que ele teria em outra situação, para demonstrar a sua dominação, mas principalmente para atormentá-la... até que ela enrolou uma longa perna a sua volta, e cantarolou em satisfação, dando prazer a si mesma contra sua coxa, cavando suas unhas nas costas para segurá-lo no lugar.

Raphael rosnou e levantou-se, tentando desalojar a perna, mas ela segurou firme. Recusando-se a usar toda sua força por medo de machucá-la, ele voltou toda a sua atenção para os seios em vez disso, rolando um dos seus mamilos entre o polegar e o indicador, beliscando-o até que ele ficasse bastante repleto de sangue. E tudo isso enquanto ele tinha o outro mamilo gordo na boca, sugando, girando a língua sobre e ao redor até que ele podia sentir o sangue abaixo da superfície, ansioso por ser provado. Ele mordeu suavemente, quase fechando os dentes sobre a sua carne. Cyn estremeceu debaixo dele, então se ergueu, esperando.

Ele acariciou a língua próxima da sua saliência macia, em seguida, ergueu a boca e soprou sobre a ponta corada e molhada de seu seio. Cyn gemeu e flexionou os quadris contra ele urgentemente. Mas Raphael apenas sorriu de satisfação e virou-se para o outro seio, o mamilo já preparado pela atenção de seus dedos, já corado com desejo, cheio e firme como a cereja mais madura. Raphael admirou a deliciosa beleza disso, mas só por um segundo. Essa carne nobre não era para ser desperdiçada com os olhos, ela foi concebida para ser saboreada.

Ele tomou seu peito em sua boca, chupou com força uma vez, então mordeu. Cyn gritou, seu corpo arqueou em baixo dele quando a primeira faísca de orgasmo chocou ao longo de suas terminações nervosas. Raphael lambeu as pequenas gotas de sangue, acariciando seu peito com a língua. Cyn estava ofegante agora, seus quadris empurrando ritmicamente, um movimento constante contra sua virilha, seu pau escorregou e deslizou na umidade entre as coxas dela.

Mas ele ainda não tinha terminado. Ele pegou o outro seio em sua boca, lambendo o mamilo repetidamente, até que, também esse, implorasse por alívio. Pressionando as suas presas na carne delicada, ele arrastou suas pontas afiadas ao longo da curva doce de seu peito até que envolver a ponta inchada.

Os dedos de Cyn arranharam seu couro cabeludo, enquanto ela pendia seu peito na boca dele, fazendo com que a borda das pressas picasse a carne rosada de sua aréola. Cyn gemeu de prazer, lançando a cabeça e as costas para trás, todo o seu corpo tremia debaixo dele.

Raphael lambeu outra vez seu peito, lambendo o último gosto dela, em seguida, levantou os quadris e, em um movimento único, colocou a ponta do seu pau nas dobras molhadas e aveludadas entre as suas pernas e impulsionou para a frente, enterrando-se no calor acolhedor de seu corpo.

*** *** ***

Cyn debateu-se sob o grande corpo de Raphael, amando a sensação de seu corpo esmagando-a na cama, mas queria gritar com frustração da sua incapacidade de fazê-lo mover-se! Ele estava provocando-a, brincando. Ela se esfregava na sua perna furiosamente, suas unhas cavando na carne das costas dele. Podia sentir a espessura de seu pênis contra a sua coxa e queria-o profundamente dentro dela. Mas, ao mesmo tempo, tudo o resto que ele estava fazendo fazia-a sentir tão bem que não queria que ele parasse. Foi glorioso e frustrante ao mesmo tempo. Queria senti-lo em todos os lugares. Queria que ele continuasse a beijar e, sim, morder também. Mas queria-o dentro dela, queria a ele...

Raphael mordeu o seu mamilo sensível, e ela gritou com entusiasmo, acariciando cada nervo de seu corpo com um toque de cetim. Raphael cantarolava com satisfação enquanto lambia o sangue quente que sentia rolar para baixo a curva do seu seio. Ela soltou um soluço, esperando que ele, finalmente fodesse com ela. Abriu as pernas em convite, apertando as coxas ao redor de seus quadris estreitos, sentindo o seu pênis contra as escorregadias dobras de seu sexo com cada movimento. Raphael levantou a cabeça, e ela fechou os olhos em gloriosa antecipação.

Mas ele não tinha terminado de atormentá-la ainda. Sua boca se fechou sobre o outro seio, sugando mais duro, ela podia senti-lo até a sua alma. Havia uma sensação brilhante, um lampejo de dor que rapidamente se transformou em prazer, quando suas presas roçaram ao longo do peito antes de chegar ao mamilo. Ela arqueou as costas, oferecendo o peito para ele, e gemeu de prazer quando seus dentes perfuraram sua aréola, fazendo com que a euforia da sua mordida atravessasse as pequenas veias do seu peito como um relâmpago dividindo a carga para fora de sua carne.

Ela ondulou debaixo dele, acariciando-o com o corpo, seus dedos massageando as costas enquanto impulsionava seus quadris contra os dele, saboreando sua dura excitação entre suas coxas, que estavam escorregadias e molhadas com os seus próprios sucos.

Raphael lambeu o sangue de seu peito, disparando choques frescos de desejo como um fio quente diretamente dos seus mamilos para seu clitóris. Ele levantou os quadris levemente, e então mergulhou entre os lábios inchados de seu sexo, lubrificada pela seda cremosa da sua vagina, enchendo-a completamente. Sua passagem interna esticada para acomodar a espessura dele, seu saco pesado batendo contra a sua bunda enquanto ele levantava-lhe as pernas, primeiro uma depois a outra, até que os tornozelos estavam cruzados sobre os seus ombros.

E então ele simplesmente a fodeu. Mergulhando dentro e fora, tocando cada nervo sensível dos tecidos interiores com o comprimento sólido dele batendo mais fundo em cada impulso.

Cyn apertou os braços ao redor dele, tão sobrecarregada com a sensação que sentia como se fosse voar para longe se não se prendesse firmemente. Raphael rosnou, resistindo contra o domínio dela sobre ele, saindo quase por completo de fora dela a cada impulso, antes de bater profundamente entre as pernas novamente.

O ventre de Cyn pulsou quando o primeiro orgasmo minúsculo estremeceu ao longo da extensão dos seus músculos internos, acariciando o pênis dele como mil pequenos dedos. Raphael gemeu e inclinou a cabeça para olhar para ela, seus olhos negros atirando faíscas prata no quarto escuro.

— Cyn — ele rosnou em advertência. Como se ela pudesse controlar o clímax que ameaçava cair sobre ela.

Ela mordeu o lábio, sentindo o gosto de sangue, mas a dor não ajudou. Não quando Raphael estava bombeando os quadris entre suas coxas, seu pênis um eixo de aço coberto de veludo, mergulhando mais fundo em cada batida dentro e fora de seu corpo.

Raphael se inclinou rápido como uma serpente e lambeu o sangue de seu lábio. Ele gemeu, seu pau empurrou profundamente dentro dela, reagindo ao sabor de seu sangue. Como se isso fosse o sinal que seu corpo

estava esperando, uma deliciosa sensação invadiu-a, fazendo-a tremer, seus mamilos se apertaram, e suas terminações nervosas queimaram. O estômago dela se apertou quando seu ventre começou a se contrair.

— Raphael — ela ofegou. — Eu não posso...

Isso foi tudo o que conseguiu dizer antes do orgasmo estar sobre ela, como uma onda quebrando na costa.

Suas costas se arquearam para fora da cama quando sua boceta se apertou no pau de Raphael, e oh Deus, isto era tão bom, ela queria que nunca parasse. E, no entanto, certamente nenhum corpo humano poderia lidar com essa sobrecarga de prazer. Cada toque da sua pele, o emaranhado de seus dedos contra seu couro cabeludo, o roçar dos seus quadris sobre a carne macia das coxas, e mais do que tudo isso, o deslizar de seu pênis dentro e fora, enviando onda após onda de êxtase para cima e sobre o seu corpo até que, finalmente, ela gritou, implorando para ele parar, implorando para ele continuar para sempre. Ela não sabia o que queria mais. Só queria a ele.

*** *** ***

Raphael rosnou quando a boceta de Cyn inchou em torno de seu pau, agarrando-o com tanta força que sentiu-se quase preso na luva de cetim de seu corpo. Ela estremeceu, e ele podia ver a ondulação de seus músculos quando o orgasmo tomou conta dela. Seus dedos cerrados nos ombros, as unhas cavando em sua pele enquanto lutava contra a maré esmagadora do orgasmo.

Ela sussurrou o seu nome, um lamento desamparado, e então se deixou ir, uma imagem de beleza, com ela gozando debaixo dele, ao seu redor, gritando o seu nome, seu corpo torceu embaixo dele enquanto ela atingia o auge da sua paixão.

Raphael observou enquanto mergulhava dentro e fora da sua boceta molhada, agora completamente encharcada, a umidade quente do seu orgasmo cobrindo seu pênis, tornando mais fácil ir ainda mais fundo, seus tremores envolviam ao redor dele, com mil toques, acariciando-o, ordenhando-o, pedindo-lhe para se juntar a ela... a pressa do seu orgasmo veio do nada, fervendo para fora de suas bolas e correndo para baixo do seu pau, endurecendo-o até que sua pele estava esticada o suficiente para estourar, até sua libertação se derramar contra o ventre de Cyn, enchendo-a, reivindicando-a, marcando-a mais uma vez, e para sempre, como sua.

Raphael caiu em cima de Cyn, baixando as pernas agora flácidas uma de cada vez, massageando os músculos tensos enquanto ele fazia isso. Ele sentiu o cheiro de sua excitação quando recuperava o fôlego e, em seguida, mudou o seu peso para um lado, puxando-a para o abrigo de seu corpo.

Cyn suspirou e colocou um braço sobre seu peito. — Te amo — ela murmurou, sonolenta, de olhos fechados.

Raphael beijou sua testa suada. — Descanse, minha Cyn. A caça começa amanhã.

— Você disse 'caça'?

— Durma, lubimaya.

Ela sentou-se de repente bem acordada e alerta. — Responda a pergunta, garoto vampiro.

Raphael suspirou profundamente. — Quinhentos anos de vida, e eu estou reduzido a alcunha de uma criança.

E ele não queria nenhuma outra, embora nunca o fosse admitir.

— Pobre bebê — ela murmurou sem sinceridade. — Agora responda minha pergunta.

— Qual era a pergunta?

Ela bateu em seu peito, brincando. — Eu não acredito nisso por um minuto. Você se lembra de coisas que aconteceram em seu sono. O que você quer dizer com 'caça'? Pensei que a ideia era que ele iria nos seguir para casa para que pudéssemos apanhá-lo.

Rápido como só um vampiro pode ser, Raphael envolveu-a em seus braços e rolou os dois até que ela estava de baixo mais uma vez. — Os melhores caçadores, lubimaya, e garanto-te que eu sou o melhor, sabem adequar a sua caçada para a presa. Às vezes você tem que vigiá-lo em seu covil, outras vezes é preciso definir uma armadilha que eles não podem resistir e esperar que eles cheguem até você.

— Uh huh, mas eu não acho que muitos caçadores façam de si mesmos a isca da armadilha, por isso, se esse é o seu plano...

— Isso acontece com mais frequência do que você imagina, minha Cyn. Mas lhe asseguro, não sou isca de ninguém. Isto não é mais do que o que nós discutimos. Vamos levar esse caçador de volta ao nosso território, onde temos vantagem.

Cyn olhou para ele com ar de dúvida. — Então, vamos mesmo embora amanhã?

Ele bateu em sua bunda amorosamente. — Só se você me permitir dormir primeiro.

— Como se eu pudesse pará-lo — ela zombou. Mas se deitou de costas enquanto ele puxou as cobertas sobre os dois, e quando o Sol o levou, ela estava dormindo profundamente ao seu lado.

*** *** ***

Cyn acordou com o som de seu telefone celular. Ela estendeu a mão para ele cegamente na escuridão total do quarto, guiada pelo brilho azulado

de sua tela. Levantando-o o suficiente para ver quem estava ligando, encontrou o rosto bonito de Colin Murphy olhando para ela, e olhou com culpa por cima do ombro, para onde Raphael continuava imóvel em seu sono diurno. Ela rolou para fora da cama e se dirigiu até a pequena sala de estar para atender a chamada. Foi o instinto que a fez afastar-se para longe da cama. Intelectualmente, sabia que sua voz não poderia acordá-lo de seu sono diurno, e se ele escolhesse ouvi-la teria que ir muito mais longe do que o outro lado da sala para evitar que ele não ouvisse.

E não tinha nada para se sentir culpada de qualquer maneira. Não havia nada, nunca tinha havido nada romântico entre ela e Colin, mas a possessividade de Raphael não era uma coisa racional, e sabia que ele estava infeliz por ela ter ligado para Murphy em primeiro lugar. Tudo isso levava a ela ter que se esquivar através do quarto como se fosse um ladrão para responder ao seu próprio maldito telefone.

— Ei, Murphy — ela disse em uma voz baixa.

— Leighton. Você sabe que o namorado não pode ouvi-la durante o dia, certo?

Constrangimento aqueceu suas bochechas e ela queria rosnar de volta para ele, mas controlou a reação. Não era culpa de Murphy se estava agindo como uma idiota. Além disso, se ele soubesse que a tinha incomodado, nunca a deixaria ir.

— Desculpe — disse ela em um tom de voz normal. — É automático. O que você tem para mim?

— Não muito. Coloquei as antenas para fora, mas os atiradores de aluguel são um grupo de pessoas inquietas. Eles não operam dentro da lei, e muitos deles aprenderam a ser paranoicos, cortesia do Tio Sam. Tenho que estabelecer a minha boa-fé, antes de alguém falar comigo, e isso não é fácil. Especialmente desde que você e eu sabemos que se conseguir ter um nome, passarei para você, logo o namorado vai torturar o pobre coitado até que ele desista de sua alma.

— Como alternativa, você pode ter a namorada a torturá-lo para a mesma conclusão — disse Cyn docemente. Nenhum deles era companheiro de contabilistas chatos, afinal. Sophia era tão impiedosa como Raphael quando se tratava de conseguir o que queria.

— Sim, mas quando ela faz isso, é sexy como o inferno.

— Agora, isso é apenas doentio. Eu me preocupo com você, Murphy.

— Ouvi dizer que provoca rugas. De qualquer forma, isso não muda a realidade. Meus velhos contatos sabem que eu trabalho para Sophia, e...

— É isso que você diz a eles? Que trabalha para ela?

— Não é da sua conta o que lhes digo. Eles sabem quem ela é, sabem o que é. Então, eles não estão suscetíveis a me dar o nome de nenhum contratante que pediu para matar um vampiro.

— Sim — Cyn disse pensativa.

— Se algo acontecer, eu aviso você. Mas por agora, não parece bom.

— Obrigado por tentar, Murphy. Eu agradeço.

— Você faria o mesmo por mim.

— Sim, eu faria, você sabe.

— Você não vai chorar nem nada, não é?

— Foda-se.

— Aí está. Esta é a Leighton que eu conheço, vou ligar se ouvir alguma coisa — disse Murphy e desligou sem dizer adeus. Típico.

Cyn desligou o telefone, pensando sobre pegar mais uma hora de sono antes do seu olhar cair para as horas em seu telefone. 07:30. Merda! Como tinha ficado tão tarde? E se Sipes já saiu para o local sem ela? Mesmo sabendo que ela queria ir com ele, o chefe diurno de segurança de Raphael não teria ligado caso não aparecesse. Todos do povo de Raphael eram

sensíveis com a sua vida privada, mas os humanos ainda mais. Ela arrastou-se para o banheiro, procurando através dos seus contatos pelo número de Sipes, socando-o quando o encontrou.

— Não vá sem mim! — disse quando ele atendeu, nem mesmo dando-lhe a chance de dizer qualquer coisa.

— Hum. Ok. — Sou voz estava cheia de risos. — Não se preocupe com isso, Cyn. Eu informei meus rapazes esta manhã durante a mudança de turno, depois de fazer rondas especiais os vampiros desceram apenas para ter a certeza que todos compreendiam o que precisavam procurar. Eu não quero mais atiradores trabalhando sob os nossos narizes. Tenho duas pessoas em turnos rotativos de todos os lados da casa com binóculos. Estava pronto para trazer mais pessoal mas parece que nós estamos indo para casa hoje à noite.

Foi o que me disseram. Ok. Estarei aí em meia hora.

— Leve o seu tempo. — Ele desligou sem dizer adeus também. Talvez fosse uma coisa de homens.

Fiel a sua palavra, Cyn estava no andar de cima 30 minutos mais tarde. Steve Sipes a encontrou no corredor, vindo de outra direção com outros três guardas, um dos quais parecia mais um técnico do que um guarda. Ele parecia apto o suficiente, e usava uma arma presa ao seu quadril, mas entre a mochila em seu ombro e a caixa de metal em sua mão oposta, ele dificilmente conseguiria chegar a arma quando precisasse.

— Tempo perfeito — disse Sipes, juntando-se a Cyn enquanto desciam os degraus para o hall de entrada e saíam através da entrada de luz do dia. Pelo projeto, era a única porta disponível durante o dia, era demasiado estreita para mais do que um adulto de cada vez. Foi cortada em uma das persianas de aço que desciam automaticamente ao nascer do Sol para cobrir todas as portas e janelas do edifício, e exigia um código de segurança de dez dígitos para abrir.

— Fui lá com Juro e os outros antes, — Sipes continuou enquanto eles entravam no SUV que esperava. — Ainda estava escuro, obviamente, mas ele está confiante de que eles localizaram o lugar onde o atirador esteve escondido. Concordo com ele, especialmente agora que vi o local à luz do dia.

— Você já esteve lá esta manhã? — perguntou Cyn.

— Ainda não. Mas o pessoal de Juro deixou um marcador, e subi ao telhado logo que havia luz suficiente para ver. Queria verificar o ângulo e a linha de visão para o convés fora da vossa suíte. E sem dúvida o tiro poderia ter vindo de lá, Juro disse que é o mesmo lugar que você sugeriu ontem à noite.

Cyn assentiu. — Era o único lugar que fazia sentido, Ou isso ou o tiro veio de um lugar muito mais distante.

— E porque você iria atirar de mais longe, se você tem esse lugar, certo? Eu medi esta manhã, está a cerca de 709 metros, mais ou menos um metro. Um tiro bastante viável, mas este atirador em particular não parece conhecer muito bem os vampiros, claramente, ele não contava com a velocidade de Raphael em reagir, ou, até mesmo, sua capacidade de ouvir o tiro antes de um ser humano. Isso é malditamente impressionante. Mas de qualquer forma, meu ponto é, o atirador não sabia com o que ele estava lidando.

— Exatamente.

Durante esse tempo, eles desceram para o fundo do vale e Cyn já podia ver o marcador laranja que o pessoal de Juro tinha colocado na encosta para marcar o esconderijo do atirador.

— É aqui? — Ela perguntou desnecessariamente.

— Sim. — Sipes bateu no ombro do condutor. — Nós vamos estacionar bem ali — disse ele, apontando para uma área um pouco abaixo do local mais elevado. — Quero ver se consigo detectar o caminho que ele tomou

para chegar lá em cima. Os vampiros foram bastante cuidadosos ontem à noite para ficar nas rochas, mas eu duvido que o nosso amigo atirador tenha essa capacidade. E eu aposto que ele estava lutando para descer rapidamente assim que percebeu que tinha falhado, e a Segurança de Raphael estaria vindo para ele. Isso fará mais fácil localizá-lo e, com sorte, talvez encontrarmos algo que ele deixou para trás.

O técnico forense, seu nome era Brian, e Sipes tinha-lhe assegurado que poderia disparar a arma em seu quadril assim que precisasse, liderou o caminho até a encosta. Eles encontraram a trajetória do atirador facilmente. Ele estacionou seu caminhão um pouco acima, tinha deixado trilhas claras sobre o chão do vale. Brian disse confiante que seu atirador tinha dirigido um caminhão com tração nas quatro rodas o que, embora Cyn estivesse atenta a sua explicação não entendeu como ele sabia disso. Tudo o que importava era que o ar seco, e a ausência de qualquer brisa significativa, havia-lhes promovido um bom lugar, preservando as faixas de pneus e as pegadas do atirador em perfeitas condições. Os vampiros, como Sipes disse, tinham, na verdade, subido pelo lado oposto do vale, que foi outro bocado de boa sorte. Aconteceu de ser a rota mais direta, que foi por isso que os vampiros a tinham escolhido, sua declividade não devia ser um obstáculo para eles.

Assim que eles chegaram ao antigo esconderijo do atirador, Cyn, foi forçada a sentar-se em uma pedra conveniente, esperando enquanto o técnico forense fazia a sua coisa. Foi frustrante, mas mesmo ela podia ver o bom senso de fazer dessa maneira. Isso também era chato como o inferno, e ela se viu olhando para o vale, para a janela fechada da suíte dela e de Raphael. O lugar que estava sentada era ligeiramente acima da posição do atirador, mas quase alinhados, dando-lhe um próximo ponto de vista para o vale que ele tinha tido.

Eles já tinham identificado a pedra que tinha usado para estabilizar a sua arma, revelada pelos pequenos arranhões na sujeira onde ele a instalou e também das pernas do tripé. Tentou imaginar o atirador encostado na

rocha, uma Remington 700 nivelada sobre o tripé, a coronha enfiada no ombro e o cano apontando para a porta de vidro deslizante, à espera que Raphael apareça, para vir e falar com ela. Tentou imaginar a fração de tempo entre quando o atirador preparou a mira e quando seu dedo começou a apertar. Teria ele se perguntado quem era este grande homem que ele estava prestes a assassinar?

Ele sabia que Raphael era um vampiro? Teria ele se importado?

Provavelmente não, ela argumentou. Ela estava sendo muito emocional, juntando sentimento do que para o atirador era apenas um outro trabalho. Afinal, ele não foi o primeiro assassino contratado no mundo e, certamente, não será o último. Mas este assassino particular tinha ido atras da única pessoa que ela amava mais do que qualquer outra no mundo, então ela se deu alguma folga. Não muita folga, no entanto. Ela mudou o olhar, a procura no perímetro do pequeno círculo de pedras que o atirador tinha escolhido para se esconder. Era realmente a localização ideal, protegido de observações casuais de todos os lados. Olhou a sua volta entre as pedras que tinham sido rasgadas ou esmagadas, evidências da presença do atirador, e também que ele tinha provavelmente passado a maior parte do dia escondido aqui. Sipes tinha a teoria de que ele tinha chegado antes do amanhecer do dia anterior. Mas isso era baseado em grande parte no fato de que Sipes não queria acreditar que alguém pudesse ter conduzido ao longo do vale e subido nas rochas carregando muito equipamento sem que seu pessoal percebesse. Cyn não tinha tanta certeza sobre isso. Em sua experiencia, segurança pessoal tendem a se concentrar em ameaças iminentes, não em um cara escalando a quase 800 jardas de distância.

Ela estava convencida de que o atirador tinha se escondido pelo menos várias horas, apesar de tudo. O que significava que ele tinha que ter embalado suprimentos. Ele poderia ter conseguido se alimentar com barras de energia, mas a água era uma necessidade. Infelizmente, ele parecia ter feito um trabalho admirável de limpeza, apesar da sua saída apressada. O técnico forense, Brian, olhou para ela quando abaixou a câmera. Ele tinha

tirado fotos do local, tirado para o vale em direção à casa e, em seguida, agachando-se para apanhar o próprio esconderijo, incluindo fotografar várias das marcas deixadas para trás nos pedregulhos.

— Ele errou — disse Brian, enquanto arrumava a câmara na caixa de metal que tinha trazido com ele, — mas ele era um profissional. Há muitas evidências de que alguém esteve aqui, mas nada até agora para identificar qualquer um especificamente. Estava esperando que ele tivesse descuidado no escuro, mas até agora, nada.

O olhar de Cyn era tão afiado que ela vislumbrou um brilho de luz sobre uma superfície opaca. — Brian — disse olhando fixamente. — Isso é o que eu estou pensando que é? — Ela apontou para baixo da colina além do ninho do lado que os vampiros tinham chegado na escura noite de ontem.

Ele deu-lhe um olhar perplexo, então virou-se lentamente, seguindo a linha do seu dedo.

— Ohhhh, querida, — ele respirou depois de um tempo. — Venha para o papai.

*** *** ***

— Pode não ser nada — Brian avisou, enquanto se dirigiam de volta para a casa grande. — Muitas pessoas estiveram na colina antes do nosso cara. Um dos vampiros poderia simplesmente ter deixado um velho pedaço de lixo.

— Claro — Cyn concordou prontamente, — mas também pode ser algo. O atirador esteve preso lá em cima a maior parte do dia. Ele tinha que ter trazido muita água com ele. E se saiu a pressa, pode ter chutado uma garrafa vazia pela colina sem perceber, principalmente no escuro.

Brian fez uma careta. — Não fique muito esperançosa. Ele provavelmente usava luvas. Mas mesmo se essa for a garrafa dele, e se conseguir uma impressão digital, não me servirá para nada a menos que esteja em arquivo em algum lugar que temos acesso.

— Quanto tempo até sabermos?

— Assim que voltar para o laboratório vou saber se tenho uma impressão viável. Mas então tenho que extraí-la para fora e enviá-la através dos vários bancos de dados à procura de uma correspondente. E nós ainda não sabemos se isso é do nosso cara.

Cyn acenou com a cabeça, mas ela não acreditava nele. Isto era do atirador. Ela sabia no seu interior.

— Ok, me ligue assim que você tiver alguma coisa. Estamos partindo ao pôr do sol.

— Certo. Eu vou até você, mas não se preocupe. As suítes de comunicações dos jatos de Raphael são inigualáveis. Mesmo que uma identificação apareça quando nós estivermos no ar, eu vou saber. Supondo que apareça alguma.

— Sim, sim. — O que se passa com os cientistas, afinal? Sempre querendo provas. Puxa.

Sorriu com o pensamento e ainda estava sorrindo quando colocou o código de segurança que a deixava voltar para o quarto onde Raphael dormia profundamente. Eles tinham o seu potencial assassino. Era só uma questão de tempo antes que eles o tivessem na cadeia onde ele pertencia.

*** *** ***

A confirmação veio no meio da viagem enquanto voavam de volta para Califórnia. Cyn estava meio cochilando, um livro sobre o colo e sua cabeça no ombro de Raphael. Entre a sua viagem de manhã cedo para o local e sua excitação com o que tinham encontrado, ela não tinha conseguido dormir muito durante o dia, estava ansiosa por dormir em sua própria cama mais tarde esta noite.

Do outro lado do corredor, Jared de repente começou a falar rapidamente em seu fone de ouvido Bluetooth. Ele olhou para ela, em seguida, desviou o olhar para Raphael em algum tipo de entendimento silencioso. Ela franziu a testa, olhando de um para o outro, antes da sua atenção ser roubada pela visão de Juro caminhando ao longo do corredor, de cabeça baixa para evitar bater contra o teto do jato particular.

— Meu Senhor — disse Juro, se dirigindo a Raphael, embora acenasse também para Cyn. — Nós identificamos o atirador.

Um choque de adrenalina fez com que Cyn acordasse abruptamente. — Da impressão digital?

— Impressão de polegar — ele corrigiu, — mas sim. Seu nome é Luther Mars. Ele é um ex-militar como nós suspeitávamos, mas a identificação da impressão veio através dos seus registros de prisão em dois estados separados.

— Ele esteve preso?

— Vários anos da última acusação, que foi em Illinois, cúmplice diante da prova de assassinato. Isso foi o seu primeiro delito grave, e ele colaborou para uma sentença mais leve. Que foi ainda mais reduzida com a libertação condicional. Ele era aparentemente um prisioneiro modelo. As duas condenações anteriores eram pequenos delitos em Minnesota, argumento negociado para o tempo cumprido e a liberdade condicional.

— Onde está ele agora? — Perguntou ela, apertando a mão de Raphael.

— Desconhecido. Ele perdeu os seus últimos encontros com o seu agente da condicional, e há atualmente um mandado para a sua prisão.

— Isso não nos ajuda muito — comentou Jared. Ele tinha se levantando de seu assento e estava agora ao lado de Juro com uma carranca de preocupação.

— Isso vai nos levar a obter uma assistência maior dos Departamentos Policiais locais — Cyn ofereceu.

Juro assentou. — Eu vou garantir que isso circule. Nesse meio tempo, meu Senhor...

— Não me vou esconder atrás de paredes, Juro. Tudo continua.

Juro olhou para Cyn e parecia que ele queria dizer outra coisa, mas em última análise, ele se curvou aos desejos de Raphael com um aceno de cabeça. — Como você diz, meu senhor.

Cyn observou o grande vampiro fazer o caminho de volta para onde o técnico Brian estava trabalhando entusiasticamente em dois computadores separados, aparentemente, não sofrendo de todo, a privação de sono fazendo sua cabeça se sentir nebulosa. Jared deu-lhes um aceno de cabeça, em seguida, se juntou a Juro na parte de trás, onde os dois rapidamente se afundaram na conversa.

Cyn observou mais alguns minutos, em seguida, virou-se e encontrou o olhar fixo de Raphael. — O que está acontecendo, Raphael? Algo está acontecendo.

Ele deu de ombros com desdém. — Juro queria que eu permanecesse seguro dentro da propriedade de Malibu até este Luther Mars ser capturado. Recuso-me a fazê-lo.

— Por quê? Qual é a pressa para sair? Há muitas noites em que você trabalha dentro da propriedade e não sai. Porque isso é diferente?

— É uma questão de princípio, minha Cy. Luther Mars foi contratado por Klemens para me matar. Ou melhor Klemens ordenou a um dos seus vampiros para contratá-lo, mas o fato permanece... Klemens tentou assassinar-me. Eu não posso permitir que ele, ou qualquer outra pessoa, acredite que estou com medo desse assassino, ou que Klemens conseguiu me forçar a esconder dentro das paredes da minha própria casa.

Cyn estudou-o silenciosamente. Ele encontrou o seu olhar, seus olhos negros tão cuidadosos como sempre foram, não deixando transparecer nada. Raphael era bom nisso, em guardar segredos. Mesmo dela.

— E tudo isto é, — ela disse. — Política de vampiros. Você e Jared não tem algum plano secreto para você servir de isca para esse cara como falou ontem?

— Nenhum plano, minha Cyn. Eu prometo.

Cyn acenou com a cabeça, silenciosamente aceitando sua garantia. Mas, quando ela se acomodou em seu assento e olhou para o céu preto além da janela, não podia deixar de lembrar o olhar de compreensão que Raphael e Jared tinham trocado quando a identificação do assassino veio. E ela se perguntava se as promessas de Raphael para ela significavam tanto quanto ela pensava que significavam.

CAPÍTULO 4

Malibu, Califórnia

— Que dia é hoje?

Cyn ergueu os olhos para a questão murmurada de Raphael. Era sua primeira noite completa em casa, e eles estavam sentados em seu escritório, ambos verificando uma semana de correio acumulado. Tudo o que era urgente tinha sido enviado pela equipe de Raphael, mas ainda havia uma pilha substancial de correio e mensagens para ver.

Metade dele foi direto para o triturador para ser reciclado. Ela só tinha ouvido o murmurar de Raphael porque tinha caído em uma pausa no zunindo das lâminas.

Cyn pensou por um momento. — Quarta-feira, por quê?

Raphael estava sacudindo um convite formal entre os dedos. O papel branco e pesado enquadrado a ouro parecia familiar, e ela percebeu que tinha um convite idêntico no seu próprio email. Pegou e deslizou uma unha debaixo da aba do envelope, em seguida, olhou para o que que continha o convite.

— Você quer ir a um baile de caridade? — Ela perguntou, surpresa.

— Não mesmo — admitiu. — Mas esta é uma das instituições de caridade do animal de estimação do Dakin Corporation. Seu conselho inteiro vai estar lá, incluindo Marty Holdrige, que está dirigindo o novo quadro de acionistas. Eu não me importaria de conhecê-lo pessoalmente para ter uma ideia melhor do seu carácter.

— Você quer ler a sua mente para ver se ele é um bandido ou não.

Raphael olhou para cima e lançou-lhe um sorriso devastador. — Isso também. — Ele pareceu notar pela primeira vez que ela segurava o mesmo convite. — Você é uma acionista, minha Cyn?

— Aparentemente. Provavelmente uma das coisas fiduciárias da família. Se você for bom para mim, eu vou votar minhas ações com você.

Ele deu-lhe um olhar ardente, e ninguém podia arder como Raphael. — Prometo ser muito bom para você.

O coração de Cyn vibrou em seu peito, e de repente ela desejou que eles estivessem lá em baixo na privacidade do quarto deles.

Depois, a expressão de Raphael parecia dizer, então ele girou e verificou o calendário em seu iPad.

Cyn apoiou a cabeça em sua mão e lutou contra o impulso de rir com a visão de um lorde vampiro de 500 anos virando as páginas em seu iPad.

— Este domingo, — ele murmurou, em seguida, olhou para ela. — Você gostaria de vestir-se formalmente este fim de semana, minha Cyn?

— Este domingo? — Ela repetiu, verificando o seu próprio convite. — Isso é...

Mas Raphael já havia pego o celular e discou a discagem rápida. — Jared, nós vamos estar presentes no evento de Dakin este domingo à noite. Tomem as medidas adequadas, por favor.

— E sobre Luther Mars? — Cyn perguntou quando ele desligou. — Ele ainda está lá fora em algum lugar. Nós mal começamos a procurá-lo, e eu sou da opinião de Juro. Sei que você precisa provar um ponto, virar o dedo para Klemens, mas não precisa de ser em um local lotado como este. Seria demasiado fácil para ele vir para você.

Raphael jogou o telefone em sua mesa. — Na verdade, é o lugar perfeito para ser visto com um risco mínimo. Um assunto privado, apenas para convidados. Mars dificilmente pode entrar e pedir uma mesa. Com

todos os ricos e políticos em destaque, a segurança será apertada, e eu vou ter a minha própria segurança comigo, como habitual. Nós vamos estar tão seguros lá como estaríamos permanecendo aqui.

Cyn duvidava disso, mas Raphael parecia particularmente determinado sobre este ponto. Ele queria ser visto, a uma polegada do nariz de Klemens. E ele estava certo sobre uma coisa. A segurança seria apertada. Ela apenas esperava que fosse firme o suficiente.

*** *** ***

Cyn cruzou as pernas, deixando o calcanhar dos seus sapatos altos abertos a frente oscilarem livremente no trilho do banquinho de bar acolchoado enquanto olhava ao seu redor, espantada com o que os organizadores do evento haviam conseguido. Tinham de alguma forma conseguido obter permissão para erguer uma tenda de banquetes totalmente funcional no campo do polo no Will Rogers State Park. Ela se perguntou o quanto a doação deve ter custado.

— Juro manda dizer que a reunião de Raphael terminou, Cyn. — Disse Elke por cima do ombro dela. — Estão vindo para cá agora.

Cyn assentiu e tomou um gole de água gelada, que era tudo o que se permitia hoje à noite. Raphael podia estar casual sobre o perigo, mas ela não estava. Ela teria preferido que ele permanecesse dentro da tenda, mas quando o novo potencial presidente do conselho Dakin o havia convidado para falar, ele não podia recusar.

Ele tinha levado toda a sua segurança com ele, o que aliviou um pouco as suas preocupações, mas estava pronta para ele voltar para dentro. Havia muitos buracos escuros escondidos nas colinas que cercavam o parque.

— Como é que nenhuma dessas pessoas veio para o meu evento? — Sua amiga Lucia perguntou irritada.

Lucia tinha se juntado a Cyn no bar apenas momentos antes, tendo perdido o seu próprio encontro para sua mãe, que tinha aproveitado a oportunidade para recuperar o atraso de várias semanas de telefonemas sem retorno.

Cyn verificou a tenda cheia de braços cruzados, observando vários rostos familiares. — Odeio estourar a sua bolha cheia de pena, Luce, mas um monte deles esteve. Além disso... — ela parou no meio da frase quando os olhos de Lucia ficaram grandes com alarme.

Cyn e Elke, ambas começaram a girar. — O que você... — Cyn começou.

— Ssssst — Luci sussurrou. — Não olhe, qualquer uma de vocês! Nem sequer se mexa, talvez ela não vá....ohhh, tarde demais. Alerta Holly.

— Foda-me, — Cyn praguejou baixinho. — o que ela está fazendo...

— Cyndi! — A voz de sua irmã Holly foi tão bem-vinda como unhas em um quadro negro.

Cyn não tinha visto Holly, que na verdade era sua meia-irmã, desde que tinha pegado ela tentando roubar alguns arquivos privados de Cyn para vender aos tabloides um ano atrás.

Holly deu um passo diretamente para a linha de visão de Cyn, então não podia mais fingir que não tinha ouvido sua irmã chamar seu nome.

— Holly. Ela reconheceu.

— Cyndi, você conhece o meu noivo, não é? Charles Bennette o terceiro. Chucky, querido, esta é a minha irmã Cynthia... — Holly fez uma pausa, o rosto arruinando tudo com perplexidade exagerada.

— Ainda é Leigthon, não é , Cyndi? Você ainda não é casada?

Cyn fez um rolar de olhos mental com a escavação tão óbvia de Holly. Como se ela desse a mínima sobre o que Holly ou alguém pensava sobre o seu estado civil.

Sempre a pacificadora, Lucia perguntou. — quando é o grande dia?

Como se ela se importasse, Cyn pensou com desgosto.

— Nós estávamos pensando em um casamento na primavera, esperamos que no próximo mês.

— Não há muito tempo para organizar um casamento — Cyn observou, de repente interessada. — Existe algo que eu deveria sabe, Holly? — ela perguntou com um olhar não tão sutil ao abdômen de sua irmã.

A expressão de Holly apertou com raiva, mas suavizou rapidamente. Muito rápido. A rápida mudança colocou todos os sentidos de Cyn em alerta. Ou sua irmã estava se apresentando para Chuck, que não tinha dito nem uma palavra, ou ela queria um favor.

— Na verdade, é um tempo bastante curto, e é apenas boa sorte que nós nos encontrarmos com você essa noite. E estava indo lhe ligar de qualquer maneira na próxima semana. Nós estávamos pensando em como seria romântico casar na praia, e uma vez que Raphael tem essa propriedade maravilhosa...

— Não — Cyn interrompeu.

Holly piscou várias vezes. — O quê?

— Eu disse que não, Holly. Não haverá casamento na propriedade de Raphael, e nenhum casamento no meu condomínio também. Você terá que encontrar outro lugar.

— Mas está perto da data, e todos os locais estão reservados.

— Não é meu problema.

Os lábios de Holly se apertaram com força, fazendo aparecer que linhas brancas de tensão pouco atrativas em sua boca e seu rosto ficar vermelho de raiva. — Você sempre foi uma cadela egoísta — Holly assobiou, mostrando suas verdadeiras cores. — Não segure a respiração à espera de um convite.

Cyn olhou para sua meia irmã com espanto, mas, em seguida, Holly sempre tinha vivido em seu próprio egocêntrico mundo pequeno. A verdade era que eles teriam que arrastar Cyn chutando e gritando para o casamento.

Mas tudo o que ela disse foi, — Eu vou viver.

— Venha, Charles — disse Holly ofensivamente. — Nós temos pessoas mais importantes para falar.

— Você acha que Chucky fala? — Lucia perguntou, pensativa, enquanto eles despareceram na multidão.

— Essa é sua irmã? — Elke perguntou, descrença evidente em sua voz.

— Meia-irmã — Cyn corrigiu. — E, sim.

— Vocês não são nada parecidas.

— Pais diferentes.

— Huh.

— E, não, Luci eu acho que Chuck gasta todo o seu tempo comendo.

— Ele parece um pouco... pastoso.

As mulheres caíram na gargalhada.

— Não posso acreditar que ela pensou... — A voz de Cyn sufocou a uma parada quando uma dor lancinante de repente esfaqueou através de seu peito, e ela dobrou em agonia.

— Cyn? — Disse Luci urgentemente, agarrando sua amiga.

— Raphael — Cyn sussurrou, sentando-se, seu olhar indo infalivelmente na direção de onde tinha visto Raphael ir embora com o potencial novo presidente Dakin. Ela se levantou, segurando-se no banco do bar, lutando para se equilibrar.

— Você precisa se sentar — disse Luci, pedindo a ela para se baixar.

— Não — Cyn insistiu, em seguida, novamente, — não — mais forte desta vez. — Elke! — Ela saiu correndo no meio da multidão, vagamente consciente de Elke correndo ao seu lado. As pessoas se esforçavam para sair do seu caminho, que foi dificultada pelos gritos dos convidados que eram empurrados no caminho de voltar para tenda, tentando escapar do que estava acontecendo lá fora.

— Elke! — ela chamou, e a guarda-costas estava lá. — Eu preciso chegar a Raphael!

Elke pegou no braço dela e empurrou as pessoas para o lado, ignorando os gritos de protestos e indignação. Elas finalmente se libertaram da multidão e encontraram-se em escuridão quase total, nem uma alma à vista. Porque de repente estava tão escuro? Não havia luzes aqui fora antes? Cyn fechou os olhos e se forçou a se acalmar, deixando o laço de sangue dar-lhe uma direção. Seus olhos se abriram, e ela correu em torno da tenda e subiu a encosta gramada do campo de pólo.

E lá estavam, eles, a segurança vampírica de Raphael, presas em plena vista enquanto eles estavam agrupados em um círculo apertado....

— Raphael! — Ela gritou e correu até a encosta. Seus saltos altos enterrando na terra fofa, mas ela recusava-se a perder tempo para parar e removê-los. Raphael precisava dela. Sua segurança se separou antes de ela derrapar até parar, caindo em seus joelhos. Havia sangue por toda a parte, preto brilhando no luar. Ele embebia a jaqueta de Raphael e se espalhou em uma mancha escura sobre a sua camisa branca.

— Ele está bem — ela ouviu alguém dizer e olhou para cima para ver Jared ajoelhado a frente dela.

— Não me diga que ele está bem — ela retrucou. — Ele está sangrando. Você tem uma faca?

— Uma faca? — Ele repetiu, intrigado. — Porque quer...

— Porque ele precisa de sangue. Que diabos...

— Lubimaya. — A voz de Raphael era suave, mas o seu aperto em sua mão era forte.

Seus olhos se abriram, e ela viu o poder nas estrelas prateadas queimando. — Estou bem.

— Você não está bem — disse ela, as lágrimas enchendo a sua voz quando se inclinou sobre o seu corpo, como se para protegê-lo de um novo ataque. — Levou um tiro? Eu te disse que não era...

— Ele foi atingido no ombro. Nove milímetros de ponta oca à queima-roupa. Ele estava apontando para o coração mas Raphael desviou o tiro — Jared confirmou em um tom profissional.

— Juro tem o atirador sob custódia.

Ela levantou o olhar para o novo tenente em confusão. Por que ele não estava mais chateado? Porque todos eles estavam tratando isso como senão fosse uma grande coisa?

— Luther Mars — Jared esclareceu. — O atirador de Colorado. Nós Pegamos...

— Você sabia — disse ela, olhando para Jared, depois para os vampiros ao seu redor até que o olhar dela voltou relutantemente para encontrar Raphael. — Você combinou essa coisa toda.

— Cyn — ele começou, mas ela balançou a cabeça. Não podia lidar com isso. Não aqui, não agora.

— Não importa — disse ela bruscamente. Ela teria retirado a mão da dele, mas ele não a deixou. — Onde está a limusine? — Ela perguntou a Jared, engolindo a sensação de traição que estava sufocando-a.

— E onde está Juro agora?

Jared tocou no fone de ouvido que ele usava para se conectar com o resto da equipe de segurança de Raphael.

— Juro vai nos encontrar por trás da propriedade. Ele está levando Mars diretamente para lá. Nós vamos colocar Raphael em um dos SUVs. É mais seguro.

Cyn ia dizer que era um pouco tarde para se preocupar com a segurança, mas não fez, apenas olhou para cima enquanto o grande SUV andou em direção a eles, ignorando a segurança do evento e todos os outros com determinação.

— Vamos — disse Jared, indicando para os vampiros circundantes. Ele se inclinou e enganchou o seu braço sob o ombro ileso de Raphael, em seguida, levantou, trazendo o lorde vampiro ferido com ele.

— Espere! — Disse Cyn freneticamente.

— Está tudo bem — Raphael tranquilizando-a calmamente. — Eu posso andar, minha Cyn, e é melhor fazê-lo.

Ela olhou para cima e encontrou os olhos dele quase a contragosto.

— Caminhe comigo, lubimaya, — ele pediu, seu olhar nunca vacilando.

Cyn desviou o olhar, mas balançou a cabeça uma vez e tocou o seu outro lado, deslizando sob o braço ferido com cuidado.

Pareceu levar uma eternidade para andar os poucos passos para o SUV. Cyn estava consciente o tempo todo dos muitos olhos humanos curiosos, sabendo que eles estariam observando para ver se o lorde vampiro

era verdadeiramente indestrutível como o rumor dizia que era. Ela tinha a certeza de que eles não poderiam ver muito, não com Raphael escoltado de guarda-costas de todos os lados, mas ela colou um sorriso no rosto apenas para no caso, assim qualquer pessoa assistindo não veria nada de errado.

Claro, isso não era verdade, havia muita coisa errada sobre esta noite. Mas não tinha nada a ser feito na política de vampiros.

*** *** ***

Raphael entrou na caverna onde estavam as celas, sua roupa ensanguentada se fora, substituída por jeans e um suéter. Ele não queria lidar com isso agora, não tinha paciência para um longo interrogatório. Algo estava acontecendo com Cyn, algo ruim. Ele podia sentir sua turbulência emocional, o humor dela balançando de raiva ao desespero e à determinação de uma só vez. Preocupava-lhe mais do que ele queria admitir. Não tinha contado a ela sobre seus planos para o evento de caridade de Dakin, certamente não tinha dito a ela que eles estavam esperando atrair o atirador. Eles haviam combinado passar a palavra para fora, em círculos altos e baixos, que ele estaria lá.

Eles tinham mesmo ido tão longe a ponto de ter Lonnie a iniciar um rumor sobre a casa de sangue, e a festa tinha sido o local perfeito. Will Rogers State Park era montanhosa e cheia de árvores, dando ao potencial assassino muitos lugares para se esconder. Era impossível garantir, não importa quantos guardas se colocava.

Juro tinha argumentado contra manter Cyn no escuro sobre o plano, mas Raphael tinha-lhe vencido.

Cyn nunca teria concordado em colocar Raphael em risco, e era necessário neste momento. Ele tinha que eliminar este assassino tão rapidamente quanto possível. Teve que enviar uma mensagem para Klemens

dizendo que ele havia falhado, e que Raphael estava agora com Lucas em suas hostilidades em curso. Ele queria Klemens preocupado. E ele queria que Lucas vencesse.

Ele suspirou e olhou através da janela para a cela de interrogatório. Não havia como escapar daqui. Estas celas tinham sido projetadas com vampiros em mente. Nenhum ser humano poderia esperar sair. Não enquanto ele ainda estava entre os vivos.

Mas a fuga não era um problema hoje, porque este prisioneiro humano em particular não viveria o próximo amanhecer. Raphael queria apenas uma coisa antes deste homem, e era o nome do vampiro que o tinha contratado. Ele iria deixar o resto para Juro e os outros. Precisava chegar lá em cima, precisava falar com Cyn antes que a sua raiva a levasse para longe dele.

Abriu a porta da cela sem aviso e entrou, juntamente com Juro e Jared.

Luther Mars estava sentando no canto, seu olhar passou ao longo dos três vampiros, mas se estabeleceram imediatamente em Raphael. Mars era um homem grande, mas musculoso sob a gordura. Seu rosto tinha uma cicatriz ao longo de um lado do rosto que bifurcava seu queixo e garganta antes de desaparecer debaixo de sua camiseta, seus olhos tinham o olhar fixo de um homem que havia enfrentado a morte e escapado. Não seria capaz de escapar desta vez, mas talvez ele não percebeu isso ainda.

— Senhor Mars — Raphael começou, — não parece muito preocupado.

— Ei, eu acho que ainda estou vivo, então você deve precisar de mim para alguma coisa — disse Mars, dando de ombros tão bem quanto ele podia nas correntes que o prendiam a cadeira. — Talvez quer que eu leve uma mensagem de volta para o vampiro que me enviou?

— De fato, — Raphael concordou. — Embora talvez não seja a mensagem que imagina.

Mars deu uma risada curta, cínica que disse a Raphael que o humano sabia exatamente como esta noite vai acabar. — Valeu a pena tentar, — Mars suspirou. Ele fez uma careta quando ele tentou outro encolher de ombros. — Se cooperar, vai me matar rápido?

— Você tentou matar o meu Senhor, — disse Jared, incrédulo.

— Sim, bem, aquele vampiro bastardo me ofereceu um monte de dinheiro para fazê-lo.

— E quem o bastardo pode ser? — Raphael perguntou.

— Você vai fazer isso rápido?

Foi a vez de Raphael para dar de ombros. — Certamente mais rápido do que se seu tivesse que arrastá-lo contra vontade a partir de sua mente. E não se preocupe em tentar mentir. Sr. Mars. Lhe asseguro, não vai funcionar.

Mars suspirou profundamente, e pela primeira vez desde que Raphael olhara para o prisioneiro humano, ele viu a derrota na inclinação de ombros do homem, a apatia em seus olhos.

— Que diabos. O nome do bastardo é Alfonso Heintz, ou pelo menos é o que ele me disse. Apenas o vi uma vez, em um bar fora de St. Paul. Depois disso, incluindo o dinheiro e as instruções sobre onde você estaria e quando, foi feito por um e-mail.

— Obrigado — disse Raphael, em seguida, estendeu o seu poder e parou o coração do humano.

Mars caiu contra as correntes, morto.

— Sire! — Jared protestou.

— Eu não tenho tempo para isso, Jared, — Raphael disse, seu tom deixando claro que não haveria discussão.

Além disso, de que servia? O humano estava morto. Ele puxou a porta da cela aberta, ansioso por encontrar Cyn no andar de cima.

Atrás dele, Jared perguntou. — Você quer que eu ligue a Lucas e lhe diga sobre Heintz?

— Não — Raphael disse por cima do ombro, — vou ligar para ele mais tarde.

*** *** ***

Cyn estremeceu no ar úmido e abraçou mais firme o cobertor em torno dos seus ombros. Ela sabia que deveria ir para dentro, ou pelo menos colocar um casaco, mas não conseguia se mover do local. O litoral de Malibu estava lindo hoje. A lua estava alta, e as águas negras brilhavam como a prata, tão brilhante que quase cegava ao olhar.

A porta de correr se abriu atrás dela, mas ela não se virou.

— Lubimaya, — a voz profunda de Raphael rugiu enquanto se aproximava e passava os braços em volta dela, puxando-a contra o seu peito.

Ela não resistiu, mas também não relaxou.

Raphael suspirou, seu hálito quente contra seu pescoço. — Não houve nenhum risco real, minha Cyn. Nunca estive em perigo.

— Você levou um tiro — ela zombou.

— No ombro. Já tinha começado a curar quando chegamos à propriedade.

— Que sorte que ele não atingiu algumas polegadas mais baixo.

— Cyn, não faça isso.

— Não faça o quê? O que é isso, Raphael? E se Mars tivesse sido inteligente o suficiente para usar a mesma munição que uso? Você nunca viu Jabril depois de eu lhe acertar naquela noite no deserto, mas ele está definitivamente morto.

A estaca que eu coloquei através do coração dele era um exagero puro. Você não é invencível, Raphael. Pode morrer.

— Cyn...

— Não, — ela disse e se afastou para longe. Ele segurou brevemente, em seguida, deixou-a ir, mas não antes de ela ver a sua careta de dor. Aparentemente, o ombro não estava tão curado como ele alegou. Tinha escondido isso dela também. Ela não estava nem surpresa. Encontrou os seus olhos quando olhou para ele. Tinha algo a dizer e precisava ser dito cara a cara.

— Você prometeu, Raphael, e mentiu para mim.

— Eu não preciso da sua permissão para as minhas operações, Cynthia, — Raphael disse firmemente.

— E eu não estou pedindo isso. Mas não me diga uma coisa e depois faz outra. Não minta para mim sobre...

— Quer dizer, como fez tantas vezes no passado? — ele perguntou, sua própria raiva crescendo. — Quantas vezes escorregou para fora durante o dia? Empenhada em pôr em perigo a si mesma contra a minha vontade?

— Não desde Seattle, — Cyn protestou. — Não desde... — Ela olhou para longe incapaz de terminar.

— Não desde que você quase morreu — Raphael terminou. — Diga, Cyn.

— Bem. Você está certo. Não desde que quase morri, ouvi cada palavra que disse quando eu estava lá naquela cama, Raphael. Como você jurou levar a si mesmo e todos os outros comigo se eu morresse. E tudo o que

conseguia pensar era como tinha sido egoísta. Todas as vezes que eu o desafiei, foi um jogo para mim. Somente um jogo. Mas de repente não queria jogar por mais tempo, e não queria que você ou qualquer outra pessoa morresse por causa da minha estupidez. Não estou pedindo que me conte todas as suas decisões — ela continuou bem calmamente. — Sei que não pode fazer isso. Mas não minta para mim. Posso não concordar com suas decisões, mas vou lidar com isso. E se não acha que sou capaz de lidar com a realidade da sua vida, então me diga, também, e eu vou sair agora e sair de seu caminho.

— Não quero você fora do meu caminho — ele rosnou.

Cyn se elevou e agarrou sua camisa, puxando o seu rosto para o dela. — Amo você mais do que a vida, Raphael. Mas não vou ser julgada como um pedaço de trapo sempre que for conveniente.

— Eu não fiz...

— Se fizer algo assim novamente, vou embora antes do próximo pôr do sol. Isso vai quebrar meu coração, e eu vou sentir sua falta todos os dias para o resto da minha vida, mas vou fazer isso.

Ele a puxou contra ele, seu abraço tão aptado que quase doía. — Iria procurar até os confins da terra por você... ele rosnou. — Não pode se esconder de mim.

— Eu não me quero esconder — ela disse, com voz embargada de emoção. — Eu amo você.

Ele estudou-a em silêncio, com os olhos piscando como a prata da lua sobre as ondas. — Sinto muito — ele disse finalmente. — Mas não havia... — Ele respirou fundo e disse em vez disso. — Sinto muito, lubimaya.

Cyn engoliu em seco, sabendo o quão difícil era para ele se desculpar por qualquer coisa. Ele era um Lorde Vampiro, um rei em seu próprio reino. Tomar uma posição contra ele tinha sido a coisa mais difícil que ela já tinha feito, também.

— É quase o amanhecer — disse Raphael, encontrando o seu olhar. Ele a soltou e deu um passo para trás, segurando sua mão.

Cyn olhou para ele, sua visão embaçada pelas lágrimas. Mais cedo, ela tinha ido tão longe como deixar a propriedade e ir para o seu próprio apartamento para a noite. Mas ele teria simplesmente a perseguido até lá, e ela não queria sair de qualquer maneira. Nunca tinha acreditado em problemas que poderiam ser resolvidos fugindo e se recusando a falar.

Mas mais do que isso, se ela recusar o pedido de desculpas de Raphael, se recusar dormir com ele esta manhã, iria cruzar uma linha que não poderia ser descruzada. E isso iria machucá-lo. Ela não queria magoá-lo. Só queria que confiasse nela o suficiente para ser honesto com ela.

Estendeu a mão e pegou a mão dele.

— Eu te amo, minha Cyn.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu também te amo. — Ela não podia deixar de pensar se amar um ao outro seria o suficiente.

EPÍLOGO

Dakota do Sul

Lucas olhou um momento antes de uma batida suave suar na porta do seu escritório. — Entre, Magda, — ele chamou distraidamente, sem se preocupar em levantar a voz. Magda era uma vampira, uma dos seus próprios. Ela também era a sua advogada, e ele assumiu que esta visita tinha algo a ver com essa agente persistente do FBI que tinha finalmente informado que estaria chegando esta semana, embora tivesse sido irritantemente vaga nos detalhes específicos. Se fosse qualquer outra pessoa, ele teria dito a seus guardas para enviar a pessoa de volta sem algumas memórias. Mas esta era do FBI, e desconsiderar uma intimação deles pode ser perigoso.

Muito mais fácil falar com a mulher, responder as suas perguntas e mandá-la embora feliz, ou, pelo menos, satisfeita.

Magda caminhou em seu escritório com seu habitual balanço sensual. Ele pensou que poderia ter algo a ver com aqueles saltos altos, que ela sempre usava. Lucas não era imune aos encantos consideráveis de Magda, tinha de fato chamado a atenção no dia em que ele a transformou. Mas não era a sua beleza que o tinha convencido a fazê-la vampira. Mulheres bonitas facilmente vinham, pelo menos para Lucas. Magda também era inteligente, e bons advogados eram difíceis de encontrar.

— A mulher do FBI finalmente ligou, — Magda informou.

— Finalmente! — Disse Lucas, deixando cair o relatório que estava a ler. — Quando ela chegará?

— Amanhã.

Lucas fez uma careta. — Você agradeceu o aviso prévio?

— Ei, ela queria vir hoje à noite. Disse a ela que era impossível. Você acha que ela fez isso de propósito? Quer dizer, ela tem jogado a tímida por semanas, e de repente quer vê-lo imediatamente?

— Talvez. Ou talvez ela esteja apenas...

O telefone particular de Lucas tocou e ele ergue um dedo, dizendo a Magda para esperar um momento. O número daquele telefone particular era apenas conhecido por sete vampiros, e ele reconheceu quem estava ligando.

— Meu Senhor — ele disse.

— Lucas — a voz familiar de Raphael cumprimentou-o. — Tenho um nome para você.

Os olhos de Lucas foram para cima se encontraram com os do seu tenente, Nicholas, que estava ansiosamente sentando em sua cadeira.

— Funcionou então? — Perguntou Lucas a Raphael. Lucas sabia do plano para apanhar o atirador, embora ele não tivesse gostado. O que ele queria saber agora não era apenas se o plano tinha funcionado, mas se todos estavam bem nas consequências.

— Funcionou muito bem — Raphael reconheceu, — embora minha Cyn possa falar de forma diferente.

— Ah — disse Lucas compreendendo. Raphael deve ter sido ferido, mas claramente não muito grave, ou Lucas teria sabido. — E o vampiro que contratou o assassino? — Ele perguntou em voz baixa.

— Alfonso Heintz.

— Alfonso Heintz, — ele repetiu, trocando um olhar com Nicholas. — Eu o conheço bem. Este vai ser o seu último nascer do sol, meu senhor.

— Vá com cuidado, Lucas — Raphael advertiu. — Eu não o irei perder para isso.

Lucas sorriu e deixou a diversão sair na sua voz quando ele disse, — não vai se livrar de mim tão facilmente, meu senhor. Dê o meu amor a Cynthia.

Raphael desligou sem responder a esse último, que só fez Lucas sorrir mais. Mas quando ele se levantou da sua mesa, não havia nenhum vestígio de humor em sua expressão. Nicholas deu-lhe um olhar de interrogação.

— Reúna os guerreiros, Nicholas. Nós temos um traidor para matar.

Continua...